

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ALESSANDRA PADILHA DE OLIVEIRA

**O PEDAGOGO MULTIMEIOS NA ÁREA SOCIAL COMUNITÁRIA**

Porto Alegre

2008

**ALESSANDRA PADILHA DE OLIVEIRA**

**O PEDAGOGO MULTIMEIOS NA ÁREA SOCIAL COMUNITÁRIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura, do Curso de Pedagogia Multimeios e Informática Educativa, da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr. Helena Sporleder Côrtes

Porto Alegre

2008

**ALESSANDRA PADILHA DE OLIVEIRA**

**O PEDAGOGO MULTIMEIOS NA ÁREA SOCIAL COMUNITÁRIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura, do Curso de Pedagogia Multimeios e Informática Educativa, da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

APROVADA EM \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr. Helena Sporleder Côrtes

---

Prof<sup>a</sup> Me. Sônia Maria de Souza Bonelli

---

Prof<sup>a</sup> Me. Ana Beatriz Coelho Delacoste

Porto Alegre

2008

*Dedico todo meu trabalho ao meu marido, João Antônio, que ao longo desses seis anos foi parceiro incondicional, me apoiando, me mantendo forte para que eu concluísse minha faculdade, e ao fruto gerado por nós dois, meu filho João Vitor, meu amado, meu companheiro, que teve que ceder sua mãe para essa realização.*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, que indiretamente ajudaram nessa caminhada.

Aos meus irmãos, que ainda terão a oportunidade de fazer uma faculdade e realizar esse sonho, assim como eu realizo hoje.

Aos meus avós (*in memorian*) e meus bisavós (*in memorian*), que, tenho certeza, se fossem vivos estariam orgulhosos de mim, em especial, minha avó Eloína, que nos deixou a menos de um mês, não podendo estar na minha formatura, mas que, lá de cima, está torcendo por mim.

Não poderia deixar, também, de agradecer a oportunidade que tive em poder trabalhar na área social-comunitária, amadurecendo e construindo um novo olhar para essa realidade.

Agradeço também a todos os amigos, companheiros de trajetória, em especial, minha amiga e colega de faculdade, Fernanda Sader, que me apoiou na revisão da minha monografia.

Por fim, à minha orientadora, Helena Sporleder Côrtes, pela compreensão e apoio em todos os sentidos.

*A consciência do mundo e a consciência de si  
como ser inacabado necessariamente  
inscrevem o ser consciente de sua inconclusão  
num permanente movimento de busca (...).*

*Paulo Freire*

## RESUMO

Estamos vivendo uma revolução tecnológica, uma revolução educativa, em que a metodologia utilizada para ministrar cursos, trabalhar com disciplinas, está adotando outros olhares educativos: estamos sendo instigados a utilizar outros recursos educacionais, outras formas de introduzir conteúdos, para complementar nossas aulas, cursos, palestras. As novas práticas educativas estão sendo reforçadas por uma Pedagogia dos Multimeios, que possibilita ao educador trabalhar com recursos multimídia, buscando proporcionar aos educandos uma visão mais ampla do conteúdo trabalhado, uma maior autonomia ao executar algumas atividades, utilizando jornal, televisão, rádio e o computador. Dentro da Área Social Comunitária não deve ser diferente, o que permite a compreensão de que os Pedagogos Multimeios, quer atuem em escolas ou nas demais instituições sociais voltadas para a educação não-formal, podem tornar viável o confronto positivo com a verdadeira realidade vivida pelos professores e educadores sociais, em relação à inserção de novas tecnologias educativas e aos demais recursos pedagógicos nos seus espaços de ação. Assim, o enfoque desse estudo é apresentar de que forma o Pedagogo Multimeios pode contribuir com as suas competências profissionais, no suporte pedagógico aos educadores voltados à inclusão social, em obras sociais comunitárias. A estruturação, discussão e análise de resultados deste trabalho foram realizadas através de uma abordagem de pesquisa qualitativa, em um estudo de caso, e os dados da pesquisa foram obtidos através de uma entrevista aplicada a três Coordenadores Pedagógicos de três instituições sociais comunitárias de Porto Alegre. Através desta análise, foi possível perceber, junto aos sujeitos selecionados, que nós, Pedagogos Multimeios, precisamos adentrar a essas instituições, promovendo um encontro com estes profissionais educadores, de modo a fazê-los construir uma visão mais ampla sobre o que são os 'multimeios' e a 'informática educativa', já que os educadores sociais, ainda que comprometidos com suas práticas diárias, parecem necessitar de orientações mais efetivas para conseguir trabalhar com as chamadas 'novas metodologias', a fim de se mostrarem capazes de perder os 'medos' aparentemente evidenciados na investigação, quanto ao uso pedagógico dos meios tecnológicos.

**Palavras-chave:** Educação Não-formal, Pedagogia Multimeios e Informática Educativa.

## SUMÁRIO

1	CONTEXTUALIZAÇÃO .....	8
2	EDUCAÇÃO POPULAR: NÃO-FORMAL.....	15
2.1	Exclusão Digital .....	24
3	PEDAGOGIA MULTIMEIOS E INFORMÁTICA EDUCATIVA .....	28
4	METODOLOGIA.....	37
5	ANÁLISE DOS DADOS.....	41
5.1	As Tecnologias da Comunicação e Informação no trabalho Social Comunitário ..	41
5.2	Pedagogo MM/IE como articulador educativo na área social comunitária .....	47
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	54
	REFERÊNCIAS .....	58



## 1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O processo de educação, seja ele formal, não-formal ou informal, vem já há muitos anos tentando buscar alternativas para driblar certos efeitos que a sociedade vem causando sobre os educandos, e trabalhar com esse contexto dificulta ainda mais o desenvolvimento de um bom trabalho educativo.

De acordo com os ideais humanistas e democráticos que norteiam o esforço daqueles que se dedicam à causa educacional, não podemos ignorar o número crescente de pessoas que vivem privadas das condições de vida mais elementares. Privadas dos seus direitos no que diz respeito à saúde, à alimentação, ao trabalho e à educação, privadas, enfim, do seu direito de cidadania. Neste sentido, para que o mundo possa, de fato, ganhar um rosto diferente, há que potencializar uma intervenção educativa em espaços sociais particularmente vulneráveis.

Para as classes populares, o sistema de educação formal tem-se mostrado ineficaz no processo de socialização das crianças e adolescentes, e a ineficácia aumenta quando se trata da formação de cidadãos críticos e criativos, por esta se definir calcada numa visão "bancária" de educação, que pressupõe um aluno desconhecedor, vazio de conhecimentos, sobre o qual o professor deposita os seus saberes. (FREIRE, 1987).

É importante também salientar que é crescente, a cada dia, a necessidade de promover um encontro entre as tecnologias de informação e comunicação, dentro das instituições sociais voltadas à educação não-formal, no Brasil. Devido à grande demanda de instituições que estão inserindo no seu contexto educacional os recursos multimídia, precisamos analisar e compreender de que forma são propostas essas ferramentas, e como, cada educador, independente de sua área de trabalho, envolve esses recursos em suas oficinas e atividades, dentro dos espaços educativos.

Sabemos que, em pleno século XXI, esse tema cresce de importância, devido à grande demanda de instituições que estão com laboratórios de informática e de multimeios instalados em seus espaços, mas que não os utilizam adequadamente, por não disporem de pessoas qualificadas para estruturar esses ambientes de forma a propiciar um espaço com qualidade e visão pedagógica.

O que temos, hoje, não é somente a dificuldade de organizar esses ambientes criativos e de construção de conhecimento através de materiais como Rádio, TV, Jornal e, sim, a resistência que alguns educadores possuem em relação ao uso pedagógico dos recursos computacionais, entre outros meios de interligar a comunicação e a educação. Essa questão talvez ocorra devido ao medo que muitos possuem de utilizá-los em suas atividades cotidianas de sala de aula, o que promove, assim, de certa forma, a sua exclusão do mundo da informação e da comunicação dentro de qualquer instituição de ensino, seja ela formal ou não-formal.

Na educação não-formal, na qual a realidade é ainda mais precária, quando falamos em educação para as mídias, precisamos ter um olhar mais cuidadoso ao promover essa formação, porque precisamos orientar essas crianças e jovens para o mundo das comunicações e para os avanços tecnológicos que estão "*engolindo*" a sociedade, com tanta inovação e estímulos.

Os envolvidos na educação não-formal precisam, sim, ser educados para contemplar o que há de melhor nessas ferramentas, e como elas podem ser pedagogicamente utilizadas, para auxiliar na formação humana e profissional de cada sujeito do processo, dentro das instituições.

Com essa necessidade a cada dia mais visível, é preciso, então, formar os profissionais dedicados à área social comunitária, de modo que, ao se depararem com esses recursos, possam percebê-los também como ferramentas *educativas*, porque, muitas vezes, por não terem um acompanhamento pedagógico adequado, deixam de utilizar essas ferramentas como apoio, para se voltarem a outras propostas que, às vezes, para a educação não-formal, não surtem nenhum efeito.

Nessa perspectiva, contamos com o apoio e dedicação dos chamados Educadores Sociais, que buscam, através de seu trabalho em instituições diferentes da escolar, proporcionar às pessoas que estão nesse processo de vulnerabilidade social uma proposta de inserção mais justa e igualitária, face à realidade que as circunda.

Dentro das diferentes instituições sociais existentes, nos dias de hoje, e que se dedicam ao acolhimento desta população até certo ponto marginalizada, encontramos várias formas de trabalho que contribuem para a inclusão social, mas ainda não parece que estejamos contando com a devida e efetiva preparação dos

recursos humanos que nelas atuam, e nem na utilização de todos os recursos hoje disponíveis para levar a efeito um trabalho educativo capaz de aliar os campos da comunicação, da educação e da informática, tão presentes na sociedade contemporânea. Saber, hoje, utilizar e articular integradamente esses três tipos de recurso que podem ser usados para educar requer uma preparação ainda maior, por parte do educador que pretenda atender a esses perfis, nestes locais.

Por isso, defendemos, aqui, a participação de um profissional como o Pedagogo Multimeios, não só para desenvolver o trabalho institucional da educação não-formal, como para auxiliar no processo de formação dos educadores sociais, em geral, na medida em que as competências diferenciadas que desenvolveu ao longo de seu curso podem lhe fornecer condições de uma intervenção apropriada, nestes espaços formadores.

Este profissional, cuja função envolve o gerenciamento dos recursos do laboratório institucional de multimeios, bem como o planejamento, em conjunto com os professores, das atividades a serem desenvolvidas com os alunos, utilizando a tecnologia disponível, pode ser um diferencial fundamental, para o alcance dos propósitos educacionais da instituição. É dele também o papel de "seduzir", ou seja, atribuir significado '*para*' e '*com*' os professores, à utilização da informática como recurso de sala de aula, transformando a *tecnologia* da informática em "*informática educativa*".

Conforme o Projeto Político Pedagógico<sup>1</sup>, do curso de Pedagogia Multimeios e Informática Educativa, o Pedagogo em Multimeios e Informática Educativa é um profissional altamente qualificado, capaz de analisar e explorar pedagógica e criticamente os recursos da comunicação e informação, em múltiplos espaços educativos, dando o suporte metodológico à avaliação, produção e utilização das tecnologias de informação e comunicação, nos processos de ensino e aprendizagem.

Nessa pesquisa, serão analisadas as possibilidades e a viabilidade desse Pedagogo Multimeios inserir-se efetivamente em instituições sociais, para proporcionar formação para os educadores que atuam nestes espaços – geralmente, pessoas voluntárias, sem formação específica para o trabalho que realizam.

---

<sup>1</sup> **PUCRS.** FACED Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia Multimeios e Informática Educativa, 2002. Disponível em: <http://www.pucrs.br/conheca/marco>

Definindo o escopo do trabalho realizado, os termos 'Voluntariado' ou 'Voluntariado Social', aqui, são utilizados para definir o movimento social comunitário como um todo, a causa em si e, ainda, o conjunto de voluntários que formam um grupo atuante em uma organização social. Já 'Voluntário' é o termo utilizado para definir o sujeito praticante da ação voluntária.

A proposta apresentada neste trabalho requer, talvez em primeiro lugar, um amadurecimento da compreensão da idéia, por parte da coordenação e direção de cada instituição, de que para a construção de uma prática mais inclusiva, é necessário um educador que tenha disponíveis – e saiba utilizar – todas as ferramentas que possam proporcionar a inclusão social.

Uma sociedade torna-se mais justa e solidária, quando as pessoas se tornam capazes de estabelecer objetivos que digam respeito ao bem estar e interesse de todos, demonstram competência para unir forças e ativá-las em favor das causas comuns e persistem firmemente na perseguição dos objetivos traçados, à medida que o tempo passa e as adversidades aparecem. (COSTA, 2000:47).

A partir da observação das práticas atuais, nestas instituições, é possível perceber que, em muitas delas, os recursos pedagógicos não são utilizados como deveriam, e muitos profissionais que atuam nessa área desconhecem as formas de aliar a comunicação e a informática, utilizando-as como alternativas pedagógicas, isto é, explorando-as de modo a enriquecer o processo educativo.

Todos os envolvidos com educação precisam desenvolver um olhar atento às tecnologias educacionais, buscando pensar, refletir e planejar ações pedagógicas inovadoras, com cautela, mas que sejam capazes de sinalizar alguma mudança/transformação efetiva, nos processos educativos formais e não-formais. O educador, em qualquer espaço em que atue, precisa aprender a organizar o seu planejamento fazendo bom uso da tecnologia, ou seja, usando-a crítica e criteriosamente, de maneira a selecionar sempre o melhor recurso para o objetivo que deseja alcançar: em outras palavras, explorando-a *pedagogicamente*.

Para Castells (1999), mede-se hoje o nível de desenvolvimento de uma sociedade pelo seu grau de conexão com as tecnologias de transmissão. Portanto, a educação tem que estar voltada para a 'pedagogia dos multimeios', para a capacidade de 'navegar' em meio a uma grande quantidade de informações, para a

leitura e escrita de hipertextos, para formar indivíduos que saibam buscar, escolher e desfrutar este mundo. Daí a necessidade de uma educação voltada, sim, para o desenvolvimento científico e tecnológico, mas também para a diminuição das diferenças sociais e culturais, através da melhoria da qualidade do ato pedagógico em todos os espaços de formação.

Tornar a utilização dos multimeios uma prática sistemática nas instituições sociais não é tarefa fácil. É preciso trabalhar com os educadores, com vistas a construir, com eles, os conceitos e princípios que definem 'o que são' e 'como podem ser utilizados' esses recursos, em suas oficinas. O Pedagogo Multimeios não substitui em importância o papel desempenhado pelo educador, nas oficinas, mas pode oferecer-lhe variadas formas de utilização dos recursos disponíveis, o que torna mais eficaz a atividade e pode proporcionar um aprender inovador.

Nesse sentido, a escolha desta temática deve-se à prática diária que desenvolvemos em uma obra social, na qual os educadores buscam desenvolver um ensino voltado à inclusão social. Nossa experiência, já há anos, demonstra que ainda estamos em um processo de construção, pois, quando o tema é a utilização dos multimeios, quase todas as atividades propostas na instituição tendem a desconsiderar sua importância como recurso educativo. Poderiam ser desenvolvidas atividades mais voltadas ao uso pedagógico dos vários multimeios disponíveis, mas como os educadores ainda não possuem uma formação específica, que proporcione um direcionamento voltado à utilização efetiva dos recursos multimídia como suporte das finalidades educacionais pretendidas, o uso dessas ferramentas acaba por mostrar-se quase nulo.

Muitos destes educadores ainda possuem restrições e resistências quanto às novas tecnologias, e não conseguem trabalhar com o arsenal de que dispõem – TV, Vídeo, Rádio, Laboratório de Informática, por exemplo. Ainda é flagrante certa mentalidade de utilizar o vídeo como "tapa furo", o rádio como "distração" e a informática como "passatempo", e isso é preocupante, pois grande parte das instituições tem recursos suficientes para prover um aprendizado rico, a partir desses recursos. Mas, não só ainda não temos profissionais de fato qualificados para isso, como a própria instituição não favorece uma abertura nesse sentido, buscando contratar Pedagogos Multimeios que possam sistematicamente fazer parte desse

processo, de modo a desenvolver um trabalho de formação voltado para a utilização efetivamente pedagógica dos recursos multimídia. Alterar esse cenário e tecer essa teia requer muito trabalho, mas com a possibilidade de desenvolvimento de um processo de formação na área, voltado especificamente para os educadores populares e, além disso, conseguindo-se abordar essa temática de forma a modificar a visão dos educadores já atuantes nas instituições, acreditamos que seja possível favorecer uma construção sócio-educativa mais voltada para a formação integral do ser humano como parte integrante da evolução do mundo, para todos os envolvidos nesse processo.

Nossa própria atuação profissional na instituição pode ser considerada um exemplo de que o Pedagogo Multimeios pode transformar uma educação não-planejada em uma educação voltada para o desenvolvimento crítico dos educandos. Vimos conseguindo, a partir de nossa formação de Pedagogos Multimeios, aliar a comunicação e a informática à educação que lá desenvolvemos, articulando-as num planejamento didático que responde às finalidades institucionais. Também através de um trabalho com a equipe de educadores, vimos tentando planejar e olhar para as atividades cotidianas de forma mais atenta, observando que o que se faz no dia-a-dia de forma assistemática e não-orientada, não-planejada, pode ser modificado, modificando-se as atividades de modo a encaminhá-las para um trabalho que utilize os mesmos recursos, mas desenvolvendo oficinas pedagógicas mais ricas em aprendizagens, sustentadas por uma proposta mais ampla, em termos de finalidades educacionais.

Para tanto, torna-se fundamental ir além do que já existe como previsto e da proposta apresentada para a função deste profissional, sendo imprescindível criar novos espaços em que possa atuar, como também estimular o desenvolvimento de pesquisas e aprofundamento teórico capazes de instrumentalizar novas práticas. Neste sentido, torna-se evidente a importância de se pensar sobre o papel deste profissional, para que este seja capaz de efetivamente ter a sua ação dirigida para a construção de uma educação 'melhor'.

O estudo ora proposto demonstra que a referência inicial quanto ao papel do Pedagogo MM/IE estava basicamente relacionado ao apoio a um professor de uma determinada disciplina, em um laboratório de informática, tornando assim sua

atuação bastante limitada, voltada apenas para questões referentes à elaboração de projetos e para a ação prática do uso das ferramentas junto a alunos, nas atividades propostas, mas sabemos que a verdadeira função desse profissional é 'promover a educação através da tecnologia', muito mais do que apenas atuar como 'auxiliar', em um laboratório de informática. Com isso, o grande foco desta pesquisa é o de apresentar *de que forma o Pedagogo Multimeios pode contribuir com as suas competências profissionais, no suporte pedagógico aos educadores voltados à inclusão social, em obras sociais comunitárias.*

O objetivo geral deste trabalho é o de analisar as possibilidades de inserção profissional do Pedagogo Multimeios em obras sociais, evidenciando seu papel de articulador do uso pedagógico das tecnologias de comunicação e informação na área social comunitária.

Especificamente, deseja-se dividir os objetivos do trabalho em duas grandes vertentes:

1. Refletir sobre a aplicabilidade didático-pedagógica das tecnologias da comunicação e informação no trabalho social comunitário;
2. Reconhecer as alternativas de inserção profissional do Pedagogo MM/IE também na área da educação não-formal, numa perspectiva inclusiva.

Acreditamos que, para a consecução desses objetivos, cada instituição social terá que investir em tecnologia e na atualização de seus educadores, bem como na atenção mais cuidadosa aos seus educandos, e para isso, deverá possuir, preferencialmente, uma equipe que lhes dê suporte e acompanhamento. Para tanto, Gomes, Pezzi e Barcia (2001) destacam a necessidade de se elaborar com clareza uma abordagem educacional para todos os envolvidos no projeto formador institucional, conhecendo-se 'onde', 'por quê' e 'como' chegar aos objetivos propostos, para que os esforços sejam direcionados em comum. Por isso e para isso, o próprio Pedagogo Multimeios deve ser capaz de reunir condições para desenvolver essa proposta transformadora, dentro da instituição social, contribuindo para os trabalhos diários sob esta perspectiva.

## 2 EDUCAÇÃO POPULAR: NÃO-FORMAL

Não podemos iniciar uma reflexão sobre educação não-formal sem antes analisar uma fala de Paulo Freire, que é, talvez, o maior representante da educação não-formal, quando a chamamos de 'educação popular', no Brasil. O "Mestre" propõe que, em relação a esse tema, os educadores se mantenham sempre 'atentos', já que:

Estar atento significa estar disponível ao espanto. Sem espanto não há ciência, não há criação artística. O espanto é um momento do processo de pesquisa, de busca. Essa postura de abertura ao espanto é uma exigência fundamental ao educador e à educadora. [...] O espanto não é o medo que ele tem nem é coisa de ignorante. O espanto revela a busca do saber. (Freire, 1998, p.55)

Quando Paulo Freire traz essa reflexão sobre o espanto, faz-nos crer que, para toda e qualquer forma de educar, precisamos estar atentos sobre as formas como esse processo vem sendo realizado. A Educação não-formal, no Brasil, vem sendo alvo de muitos questionamentos dentro de algumas instituições sociais, que, muitas vezes, esquecem-se de trabalhar com o sujeito 'da ponta', que é o verdadeiro 'alvo' do trabalho da maior parte das instituições de educação não-formal. O *espanto* a que Paulo Freire se refere vem ao encontro de nossas práticas educativas diárias, nesse processo de formação continuada que se volta para o trabalho social e comunitário.

A educação não-formal requer que o educador esteja mais ativo dentro do trabalho que está realizando, para que ele possa ser a peça de apoio principal para a transformação nessa área.

A educação precisa, sim, ser transformadora, revolucionária e, em qualquer modalidade, jamais deve ser concebida e aplicada com uma proposta engessada na certeza do previsível, estanque, nem tampouco ser algo que nada acrescenta para os indivíduos que estão envolvidos nesse processo.

O processo de Educação Popular tem que ser indutivo e, não, dedutivo. Devemos partir da realidade do educando, porque é a única maneira de partir da experiência do grupo, senão vamos continuar partindo apenas da idéia que os educadores fazem do que seja a realidade do educando – isto é fazer Educação



Popular, conceitualmente libertadora, com uma prática que, na verdade, é 'colonizadora'...

Paulo Freire compreende que a Pedagogia Libertadora parte do princípio da negação dos pressupostos da Pedagogia Liberal, no sentido de construir uma didática crítica que busque superar o intelectualismo que a instituição costuma usar na abordagem de alguns temas educativos, de tal maneira que se recuperem as tarefas especificamente 'pedagógicas', e que se procure ainda, compreender e analisar a realidade social e humana que caracteriza o espaço educativo.

Reafirmando seu princípio de que toda e qualquer abordagem de uma educação não-formal deve ser construtiva e idealizadora, Freire, junta-se a outras vozes que também indicam essa necessidade, ressaltando que:

O problema que a geração tem diante de si, sua tarefa, não é a de esperar, pensando que o futuro esteja esperando ser descoberto pela geração mais astuta. A questão que se coloca é como a gente cria o amanhã através da transformação do hoje. E para mim só há um jeito de transformar esse hoje ou a cultura, é você entranhar-se nela, para depois tê-la com objeto de sua transformação. Para que superemos isso, temos que assumi-la e assumir, para mim, é um estado em que, negando a negatividade, eu a reconheço para poder criar outra coisa (FREIRE; PASSETI, 1994-1995, p. 42).

Trazer a realidade atual para dentro das instituições sociais torna-se complexo, à medida que, não só as parcerias entre a educação formal e a não-formal não costumam acontecer, como também a instituição escolar, hoje, vem tendo cada vez mais dificuldade em cumprir com suas funções, pois, como aponta Bastos (1996, p.2), a escola contemporânea precisa ser cada vez menos formal e mais flexível nas suas práticas, já que o mundo vem se organizando diferentemente dos esquemas tradicionais.

A educação não-formal, diferentemente da educação formal, requer um meio diferente para atingir o seu público-alvo e poder trabalhar com questões mais voltadas para a sua realidade, já que visa a um processo educativo mais abrangente, que se conecte com as experiências vividas diariamente, e que, ainda, na perspectiva de BRANDÃO (2006, p 26) contemple quatro campos ou dimensões, conforme explicitado a seguir.

O **primeiro** campo envolve a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos, isto é, o processo que gera a conscientização dos

indivíduos para a compreensão de seus interesses face ao meio social e à natureza que os cerca, por meio da participação em atividades grupais (participar de um Grupo de Jovens, por exemplo, poderá desenvolver essa aprendizagem).

O **segundo** campo trata da capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades, constituindo o que chamamos de 'trabalho educativo' como, por exemplo, freqüentar oficinas como o de Marcenaria, Capoeira, Banda musical.

A **terceira** dimensão propõe a aprendizagem e/ou o exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos, podendo-se citar como exemplo as reuniões das associações comunitárias, onde todos podem participar em prol de um mesmo objetivo.

Finalmente, o **quarto**, e não menos importante, dos campos da área da educação não-formal se relaciona à aprendizagem dos mesmos conteúdos da escolarização formal, escolar, mas sob formas diferentes e em espaços diferenciados (utilizando 'oficinas de estudo' em instituições dedicadas a obras sociais, por exemplo, como é o caso da instituição que serviu de referência a esse trabalho).

Podemos também abordar a existência de mais dois campos importantes, aos quais é necessário dar a devida atenção. Um deles se refere à educação desenvolvida *na* mídia e *pela* mídia, isto é, o trabalho indiscutivelmente formador, em termos de hábitos e atitudes frente à vida, que é desempenhado pelos meios de comunicação de massa, como a TV, o rádio e o cinema, veículos educativos – para o bem e para o mal... – aos quais os educadores não têm dado muita atenção, subestimando seu poder de formação.

O outro campo da educação não-formal a registrar ainda é aquele que vem sendo denominado de 'educação para a vida' ou 'para a arte de bem viver', que é representado pelos diferentes grupos e instâncias que se dedicam à auto-ajuda e/ou ao apoio das pessoas em geral, face ao desgaste e ao *stress* característicos da competitividade da vida contemporânea, o que, em tempos de globalização, pode ser traduzido como o aprendizado de viver/conviver com as turbulências do dia-a-dia.

Os espaços onde se desenvolvem ou se exercitam as atividades da educação não-formal são múltiplos, a saber: no bairro-associação, nas organizações que

estruturam e coordenam os movimentos sociais, nas igrejas, nos sindicatos, nos partidos políticos, nas Organizações Não-Governamentais, nos espaços culturais, e até nas próprias escolas, nos espaços interativos que essas definem com a comunidade de seu entorno. Entretanto, na educação não-formal, as categorias de espaço e tempo são reconfiguradas, envolvendo novos elementos, uma vez que, usualmente, nessas instituições educativas, o tempo da aprendizagem não é fixado *a priori* – ou seja, não há uma seriação ou um escalonamento, por semestre ou ano, para estabelecer o prazo necessário ao aprendizado, como na escola – respeitando-se decisivamente as diferenças individuais existentes, os vários ritmos e estilos próprios de aprender, no que diz respeito à reelaboração dos conteúdos de ensino (implícitos ou explícitos), de modo a desenhar certa ‘personalização’ do processo de aprendizagem de cada educando.

Nesses espaços não formais, o que se busca essencialmente é promover a educação através do processo de interação social, da participação individual em ações coletivas (não necessariamente voltadas para o aprendizado de conteúdos da educação formal), orientando-se cada educando no sentido de responsabilizá-lo para que seja capaz de promover a sua própria formação *por meio* do que é vivido e experimentado nas práticas institucionais diárias.

Na educação não-formal pensa-se no todo, sem descuidar de cada uma das partes desse todo, para, com isso, fazer do desenvolvimento da cidadania o objetivo principal. Ela é pensada em termos de coletivo, organizando-se práticas que contemplem a reflexão sobre os direitos e deveres individuais/sociais e o bem-estar de todos, no processo de aprendizagem. Organizam-se alternativas de acesso à escrita e à leitura – pelo uso de metodologias de alfabetização apropriadas – para coletivos específicos, como grupos de trabalhadores, grupos de jovens, de adultos etc. Ou organizam-se processos de ‘reciclagem’ de conhecimentos ou formação segundo determinadas demandas sociais e, também, conforme a instituição, trabalham-se temas relacionados às suas áreas específicas de atuação.

Dentro das instituições sociais onde se realiza a educação não-formal é preciso também sistematizar adequadamente a metodologia dos processos de interação/aprendizagem, a fim de que as abordagens selecionadas tenham relação direta com a proposta educativa daquele grupo, sob pena de organizar em vão o

trabalho previsto. Daí porque nossa capacidade, enquanto educadores, para entender os sujeitos pensantes/falantes, no interior dos processos sociais em movimento, nas organizações, seja relevante: é muito importante que saibamos escutar não apenas as falas, mas também os silêncios que acompanham ou interrompem estas falas. Ou seja, devemos desenvolver capacidades e habilidades para buscar formas de abordagem dos conteúdos/habilidades propostos que, tanto sejam motivacionais, como envolvam as questões emocionais e cognitivas que circulam entre os participantes do grupo, para que se possa promover ainda mais a aprendizagem nesses espaços.

Como em todos os espaços de ensino, os educadores necessitam estar mergulhados no universo da cultura desses educandos, para que possam desenvolver atividades mais voltadas às suas realidades; precisam perceber o quanto é importante compreender o contexto socioeconômico e as características culturais dos grupos em estudo. A educação não-formal obriga a uma revisão do sentido da própria educação: tudo o que às vezes parece ser sem importância, na educação não-formal pode ser muito importante; temas como a vida, o corpo, as orientações políticas, o comportamento humano acabam sendo referenciais para temas de abordagem pedagógica, dentro das instituições, e devem, sim, receber uma atenção maior por parte dos educadores populares.

A questão afetiva, nesses espaços, também precisa ser contemplada, em termos de consideração de sua importância, sugerindo, a cada dia, a necessidade de o educador que atua nessa área procurar estar próximo de seus educandos, fazendo-se presente e estreitando suas relações afetivas com o grupo. A indiscutível carência afetiva de indivíduos marginalizados pela sociedade e/ou pertencentes às camadas mais pobres da população transforma esse tema em praticamente mais um campo de trabalho, dentro da educação não-formal. E requer do profissional educador uma atenção redobrada, na hora do planejamento de suas atividades, na organização e oferecimento das oficinas institucionais: a abordagem de algum tema delicado pode ser dificultada exatamente pela possibilidade da existência de casos ou histórias semelhantes aos que estão em discussão, naquele momento.

Em outras palavras, como indica Brandão (2006), as práticas da educação popular representam a vontade de criar espaços autônomos, espaços nos qual o

manejo do poder não se apóie somente no educador, mas se realize através de uma prática educativa organizada de forma compartilhada, dentro de uma crescente relação entre iguais, fazendo do educando parte integrante desse poder, possibilitando que ele próprio possa criar meios de aprendizagem e de crescimento pessoal. Nesta perspectiva, as opções metodológicas, pedagógicas, adquirem relevância especial... A busca de formas educativas de caráter participativo, de desenvolvimento de relações de solidariedade entre os membros da comunidade, a superação dos preconceitos, medos, etc., constituem opções-chave, neste sentido. A educação popular não-formal é uma, entre outras práticas sociais, cuja especificidade é lidar com o saber, mas deve fazê-lo pela articulação e consideração dos múltiplos e diferentes saberes envolvidos neste processo.

Contemplando essa forma de pensar, GOHN (2006) apresenta uma pequena mostra do que realmente o indivíduo necessita na sua formação humana, julgando esses pontos como sendo o mais importante para que na educação não-formal o indivíduo aprenda a lidar com o saber. São elas:

- aprendizado da diferenças individuais – aprende-se a conviver com os demais, independentemente de suas características físicas, mentais e/ou emocionais, encaminhando-se a socialização e o estímulo ao respeito mútuo;
- adaptação do grupo a diferentes culturas – aprende-se a perceber que cada indivíduo tem uma bagagem cultural diferente, e trabalhar esse "estranhamento" entre os participantes do grupo é saudável;
- construção da identidade coletiva de um grupo – aprende-se a fazer parte de 'um' determinado grupo, com objetivos comuns e uma identidade própria;
- balizamento de regras éticas relativas às condutas aceitáveis socialmente – aprende-se a definir coletivamente os princípios balizadores do comportamento individual e coletivo dos participantes.

Se, na educação não-formal, pudermos utilizar esses princípios como referências, poderemos construir, sim, um projeto participativo, desenvolvendo mais as habilidades desses indivíduos, tornando-os capazes de construir sua própria história, a partir das suas práticas e experiências de vida.

É importante ressaltar que, na educação não-formal, deparamo-nos com algumas dificuldades às vezes diferenciadas, em relação ao desenvolvimento do trabalho educativo, em especial, em termos da inserção do educador na especificidade deste contexto, o que, de certa forma, impede-o e/ou dificulta-lhe atingir suas propostas, 'afastando-o' do educando, que é o que mais precisa ser atingido.

Ainda para GOHN (Idem), algumas questões precisam ser cuidadosamente analisadas, para que, na educação não-formal, seja possível 'atingir' os educandos, em termos mais amplos e efetivos:

- formação específica de educadores, a partir da definição de seu papel e das atividades a realizar, nas diferentes instituições;
- definição de funções e objetivos de educação não-formal;
- sistematização das metodologias utilizadas no trabalho cotidiano;
- construção de instrumentos metodológicos de avaliação e análise do trabalho realizado;
- construção de metodologias que possibilitem o acompanhamento do trabalho realizado;
- construção de metodologias que possibilitem o acompanhamento do trabalho de egressos que participaram de programas de educação não-formal;

- criação de metodologias e indicadores para estudo e análise de trabalhos da educação não-formal em campos não sistematizados (aprendizados gerados pela vontade do receptor);
- mapeamento das formas de educação não-formal na auto-aprendizagem dos cidadãos (principalmente jovens no campo da auto-aprendizagem musical);

É visível que independente da proposta educativa, seja ela formal ou não-formal, a instituição necessita refletir sobre essas questões, pois elas não podem ser somente 'pensadas', precisam, sim, ser colocadas em prática. Não basta criar uma ONG, acreditando que se estará promovendo a inclusão social. Antes de tudo, é preciso perceber *o quê necessita* a comunidade onde está inserida a instituição.

É importante ressaltar, também, sob essa perspectiva, que os espaços de educação não-formal deverão ser desenvolvidos segundo alguns princípios – apresentar caráter voluntário, proporcionar elementos para a socialização e a solidariedade, visar ao desenvolvimento social, evitar formalidades e hierarquias, favorecer a participação coletiva, proporcionar a investigação e, sobretudo, proporcionar a participação dos membros do grupo de forma descentralizada. A partir destas caracterizações, fica claro que não há como pensar a educação não-formal desconsiderando a comunidade, pois é difícil o envolvimento voluntário das pessoas com algo com o qual não se identificam (Simson, Park e Fernandes, 2001).

Na educação formal, a responsabilidade pela organização do ensino é fundamentalmente dos professores, que orientam o trabalho educativo a ser desenvolvido. Na educação não-formal, o grande educador é o "outro", aquele com quem interagimos ou nos integramos.

Esta é a razão pela qual se pode pensar em educação não-formal como um trabalho coletivo e organizado do próprio povo, a que o educador é chamado a participar para contribuir com o suporte do seu conhecimento, a serviço de um trabalho político que atua especificamente no domínio do conhecimento popular e na construção de uma nova sociedade que luta pela educação de forma mais transformadora e audaciosa, permitindo uma verdadeira 'construção' do saber, que

pode – e deve – ser encaminhadora da apropriação posterior do saber escolar sistematizado.

Na educação não-formal O “cuidado” é uma categoria essencial na tarefa de educador. Não se trata do cuidado no sentido assistencial, mas do cuidado no sentido da atenção e da responsabilidade ético-política do educador (Boff, 1999). De nada adiantará ensinar, se os educandos não conseguirem organizar o seu trabalho, não forem sujeitos ativos da aprendizagem, não se mostrarem auto-disciplinados, motivados. E não é suficiente oportunizar o acesso e a permanência na escola para todos: o *direito à educação* implica o *direito de aprender*.

E é no respeito a esse direito que, para a educação não-formal, não existem limites, porque ‘transformar’ não é só criar espaços de aprendizagens, mas orientar o educando para que compreenda seus direitos e deveres em uma sociedade que, muitas vezes, mostra-se injusta.

Uma educação popular, emancipadora, intensamente não-formal e democrática, tem mostrado inúmeros exemplos de solidariedade, de vida dedicada à ética, à educação política. Precisamos cada vez mais destes exemplos concretos, sobre como é possível reagir propositivamente a um espírito neo-conservador ainda presente na sociedade contemporânea, que exclui e desconsidera, e preparar as crianças e jovens para o exercício da cidadania e da solidariedade.

Estamos vivendo uma revolução tecnológica, uma revolução educativa, na qual as metodologias utilizadas para ministrar cursos, para trabalhar com diferentes modalidades de ensino, ou atuar em espaços educativos igualmente diferenciados vem sendo revisada, com vistas a se adequar aos novos tempos que vivemos. Estamos sendo instigados a utilizar outros recursos educacionais, outras formas de introduzir conteúdos para complementar nossas aulas, cursos, palestras, cada vez mais conscientes de que é preciso avançar, superando a visão tradicional de uma escola e de um professor que detêm o conhecimento, para a percepção de uma escola e de um professor que precisam mediar crítica e reflexivamente o conhecimento que circula de forma vertiginosa na sociedade globalizada.



## 2.1 Exclusão Digital

Quando se fala em exclusão *digital*, essa expressão tende a ser equivalente à exclusão *social*, na medida em que as pessoas que não têm acesso ao computador, geralmente são aquelas em situação econômica mais carente e, portanto, também excluídas de outros benefícios sociais. Também vale ressaltar que inúmeras iniciativas vêm sendo empreendidas, nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, objetivando reduzir o fosso entre excluídos e incluídos digitais, de modo a reduzir, por consequência, o abismo socioeconômico que separa certas camadas da sociedade das conquistas científicas e tecnológicas.

A realidade em que vivemos nos dias de hoje parece indicar que grande parte dos projetos sociais existentes, que visam igualmente à inclusão digital dos participantes, acaba por se ressentir de melhorias que contemplem a inclusão de maneira efetivamente mais ampla, articulando ao uso do computador, por exemplo, as questões socioculturais que circulam na sociedade e os princípios de cidadania que precisam ser respeitados por todos. A sociedade precisa rever algumas dessas ações, buscando redefinir as práticas educativas, de maneira a promover uma inclusão completa e, não, parcial.

Julga-se necessário reforçar que a disparidade entre os cidadãos com acesso a bens de consumo e os cidadãos carentes (até mesmo dos mais elementares serviços que garantam uma existência minimamente digna), é muito grande, nos dias de hoje, e a educação não-formal precisa resgatar esse processo, contemplando essas pessoas que, aparentemente, necessitam somente de comida, a se alimentarem de outros saberes, já que poderão colaborar – e muito – para o crescimento, não somente da sua comunidade, mas das famílias em geral, que poderão ter seus filhos em instituições sociais que não estão preocupadas só com a educação para a mídia, para a inclusão digital, mas que pretendem educá-los através de todos os recursos que estão ao alcance da ação educativa, nesse espaço não-formal.

Principalmente dentro das obras sociais, onde se intensificam as práticas de inclusão social e digital, percebe-se que qualquer inclusão que queira ser feita, requer um conjunto de estratégias de formação, tanto do educador quanto do educando. Como diz HAITINGER (2003, p. 17), "Somente se estivermos integrados a

essa nova realidade, poderemos falar de igual para igual com os educandos e inseri-los neste novo mundo". Não podemos esquecer que na educação não-formal, o olhar do educador deve ser direcionado ao que mais preocupa dentro das instituições, que é a formação para o mundo, a formação para a realidade, que chama para o compromisso desses educandos em estar preparados para o mercado de trabalho, para a vida, para a sociedade.

Existe hoje uma grande preocupação com relação ao acesso às novas tecnologias, na escola, que deve ser ampliada também para os espaços não-formais, já que:

A chegada de computadores à escola é uma oportunidade importante de introduzir novos conhecimentos e novas formas de construção do conhecimento. Vejo aqui a possibilidade de uma "pequena ruptura" – no sentido *bachelardiano* – que, não tendo a intenção de ser a alternativa para a escola brasileira, pode vir a ser uma alternativa que potencialize mudanças na trajetória (MORAES, 2002, p. 21).

E essas mudanças devem ser repensadas a cada dia, também nas propostas educativas para essa sociedade de excluídos, que diariamente correm atrás de uma oportunidade de usufruir dos mesmos benefícios que aqueles que tiveram mais oportunidades possuem.

Reconstruir esse novo caminho, despertando para práticas inclusivas e possibilitando a criação de novas propostas educativas é, sem dúvida, o maior passo a ser dado para transformarmos a educação não-formal. Só que não adianta possuímos computadores de última geração e programas moderníssimos, se não sabemos como utilizá-los. O educador precisa ser capacitado e iniciado na informática educativa, para que possa utilizá-la efetivamente como instrumento de ensino e aprendizagem.

Hoje, a sociedade solicita um cidadão que saiba trafegar, não só pelos meandros de uma área específica, mas que também não se iniba com a incerteza e a velocidade das transformações da técnica. O mundo contemporâneo tornou-se totalmente globalizado e altamente tecnificado, fazendo surgir uma competição quase selvagem entre as nações, o que demanda cada vez mais apenas pessoas qualificadas, pressionando a necessidade da escolaridade formal. As habilidades exigidas são cada vez mais sofisticadas, pois a evolução do modo de produção

despreza o trabalho desqualificado e repetitivo, substituído eficientemente pela automatização e robotização.

Devido a estas dificuldades, a educação é mais do que nunca um dos pilares para a construção de qualquer sociedade que pretenda ser desenvolvida. Muitas das experiências de informatização das escolas, no entanto, ao longo de nossa história recente, mostraram-se infrutíferas, ou por falhas na infra-estrutura ou pela falta de clareza das diferenças entre “informática na educação” e “educação em informática”, como aponta LÉVY (1997).

Por isso, a instituição social tem que desdobrar-se também para atender à grande demanda de uma formação para o domínio das ferramentas computacionais, e caso ela não dê conta de tais responsabilidades, essa mesma instituição será considerada inadequada para formar o “cidadão capaz” da sociedade atual. Assim, faz-se necessário investir em conhecimentos, tecnologia, manejo de informação e, sobretudo, na formação de profissionais capacitados para a mediação dos conhecimentos e competências envolvidos neste processo.

Para diversos autores, a educação está em transformação constante, e precisamos acompanhar esse processo, na busca de uma melhor formação no trabalho da área social-comunitária.

Para que o educador conduza o processo de educação com o uso do computador é necessário que esse conheça as diversas formas de usar a máquina. Ele deve, por exemplo, ‘navegar’ com curiosidade pelos *sites* da *internet* e pelas novas formas de comunicação que surgem na rede mundial de computadores. É necessário também que ele esteja sempre atento ao que atrai os educandos nesse mundo virtual, no qual as inovações e novidades fazem parte da sua própria dinâmica.

E é importante que o educador saiba ainda como alertar para os riscos e benefícios que o uso das novas tecnologias traz, estimulando os educandos a usarem a rede de forma cautelosa e em atividades que lhes proporcionem crescimento. A liberdade que o mundo virtual oferece leva, necessariamente, à responsabilidade e ao bom senso de uma exploração correspondente, e os jovens em vulnerabilidade social, que são introduzidos nesse mundo cada vez mais cedo, necessitam ser conduzidos nesse processo. Nesta visão, o mundo virtual ou ‘*cybermundo*’ passa a

ser um componente paralelo da realidade e, nos dois lados, deve haver um desenvolvimento produtivo dos indivíduos. Esses dois mundos devem ser complementares, e os jovens devem saber identificar as diferenças entre as relações pessoais e as verdades que circulam nesses mundos. Assim, educar para o mundo também significa educar para a informática e para os novos caminhos que a formação pessoal está sendo solicitada a trilhar.

Essas reflexões nos direcionam ao eixo central de todas as referências já citadas, ou seja, nos possibilitam perceber que a Informática na educação não-formal precisa ser trabalhada por profissionais qualificados e conscientes de seu papel de facilitadores de aprendizagem, para que os educandos adquiram mais confiança e possam desenvolver atividades no seu dia-a-dia, sem se sentirem excluídos de uma sociedade em que a informática acaba por se tornar ferramenta de ensino (e, também, de certa forma, de exclusão, até por não ser trabalhada sob o enfoque 'educativo', dentro das instituições sociais).

O desenvolvimento das competências necessárias à organização destas novas práticas educativas pode ser alcançado pela realização de cursos de formação contemporânea, como é o caso do curso de Pedagogia Multimeios e Informática Educativa, da FACED/PUCRS. Este curso possibilita ao educador trabalhar *pedagogicamente* com recursos multimídia, explorando-os de modo efetivamente *didático*, buscando proporcionar aos educandos um melhor e mais qualificado acesso aos conteúdos trabalhados, por meio do desenvolvimento de habilidades, atitudes e competências que envolvam a importância do trabalho coletivo/colaborativo, enfatizando igualmente a autonomia do educando para executar atividades com jornal, televisão, rádio e a própria informática, isto é, encaminhando a exploração pedagógica dos vários multimeios de comunicação e informação, para o alcance dos propósitos educativos.

### 3 PEDAGOGIA MULTIMEIOS E INFORMÁTICA EDUCATIVA

Talvez muitas sejam as dificuldades de compreensão do verdadeiro papel que os Pedagogos Multimeios desenvolvem dentro de uma instituição de ensino, na medida em que esta é uma formação de educadores bastante recente, em termos históricos – o curso de Pedagogia na Habilitação em Multimeios e Informática Educativa foi criado em 1997, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na Faculdade de Educação. O Projeto Político Pedagógico para esse curso caracterizava seu caráter inovador, uma vez que vinculação a Educação – sua essência formadora – às áreas da Comunicação e da Informática, formando uma nova base de referência teórico-metodológica interdisciplinar como ponto de partida.

Assim, o curso de Pedagogia MM/IE iniciou em 1998/1 (Parecer nº. 10/97, COCEP), como um projeto bastante original, atendendo, em nível de graduação, a formação de um também original educador, capaz e “apto a desenvolver competências que lhe permitissem empregar uma abordagem pedagógica crítica e criativa, no uso dos multimeios de comunicação e informação com finalidades pedagógicas”. (CÔRTEZ, 2007, p.49).

Ainda descrevendo as competências deste novo Pedagogo, a autora destaca:

Preparado para orientar e apoiar professores das diferentes áreas/disciplinas/níveis de ensino na (re)construção de sua ação docente, pela exploração crítico-pedagógico dos recursos tecnológicos disponíveis na escola, e habilitado para integrar equipes inter/multidisciplinares em quaisquer outros e novos espaços educativos, o perfil desse profissional foi desenhado para redimensionar a inserção de educadores no mundo do trabalho, revitalizando a ação educativa. (Idem, p.48).

Em grande parte das instituições educativas, os responsáveis pelo Laboratório de Informática acabam por realizar atividades ligadas à área técnica da informática, e ainda que essas atividades contribuam para o aprendizado do educador e para o seu crescimento profissional, na realidade, estas são competências diferentes daquelas que constituem a essência do seu trabalho.

Inspirado numa expressão de Pierre Lèvy – que se opõe à imagem de informata como mero técnico, mas, sim, como construtor de um espaço físico em que são desenvolvidas a vida privada e as atividades sociais – Ramal (2002) desenvolve o conceito de educador como um ‘arquiteto cognitivo’, fazendo uma

correspondência entre a educação e a arquitetura, para desenhar o perfil deste profissional:

O arquiteto cognitivo é um profissional capaz de traçar estratégias e mapas de navegação que permitam ao aluno empreender, de forma autônoma e integrada, os próprios caminhos de construção do (hiper)conhecimento em rede, assumindo, para isso, uma postura consciente de reflexão-na-ação, fazendo um uso crítico das tecnologias como novos ambientes de aprendizagem.(Idem, p 191)

Este perfil de 'arquiteto cognitivo' não tinha como objetivo discutir a profissionalização docente, mas apresentar um modelo de saberes para o uso das tecnologias, e que, neste caso, identifica-se com a postura pedagógica desenhada para o profissional em Pedagogia MMIE – um mediador crítico, criativo e atuante, junto aos alunos, no uso das tecnologias de comunicação e informação, em um ambiente de aprendizagem.

O Pedagogo MM/IE ainda não é um profissional conhecido, apesar de suas capacidades e possibilidades educacionais, pois é muitas vezes "confundido" – erroneamente! – com um técnico das ferramentas ou, então, um "ajudante" dos professores em um ambiente em que estes não dominam as ferramentas computacionais, até porque

Os Laboratórios de Informática das escolas, via de regra, são espaços utilizados pelos professores para "depositarem" seus alunos, durante um período ou dois, a fim de que sejam atendidos pelo "Técnico em Informática", que os manterá ocupados com jogos e brincadeiras até soar a campainha (...) (CÔRTEZ, 2006, p.195)

A citação acima confirma a concepção que ainda algumas escolas vislumbram, a respeito da inserção das tecnologias em espaços educativos, bem como, também em alguns casos isolados, do papel do Pedagogo MM/IE, por não considerarem suas atividades como 'pedagógicas', já que atua no setor do laboratório de Informática/Multimeios da escola com uma função de apoio ao uso dos recursos multimídia, como 'ferramenta técnica/prática' e, não, pedagógica.

A Pedagogia Multimeios propõe que em qualquer ambiente educacional possam ser desenvolvidas atividades inovadoras, o que, no caso da chamada 'educação social', possibilita uma aproximação com a comunidade educativa, principalmente quando se utilizam os recursos multimídia, pois se podem ampliar os

benefícios que educadores e educandos obtêm com a inserção desse tema no seu dia-a-dia, dentro das atividades propostas pela instituição, através de um trabalho crítico e criativo que os explore com fins pedagógicos.

O profissional de Pedagogia Multimeios deve trabalhar com uma proposta de promover práticas educativas voltadas para a inserção de diferentes recursos de ensino capazes de auxiliar a construção do conhecimento do educando, em qualquer espaço educativo. As oportunidades de fazê-lo são diárias, e possibilitam uma transformação na proposta de uma educação tradicional que não permite mudanças, principalmente porque muitos dos educandos, hoje, já estão inseridos no processo evolutivo das ferramentas tecnológicas.

Pode-se dizer que qualquer ambiente educativo possui os recursos de que precisa para despertar a criatividade e facilitar a aprendizagem – basta que o educador seja capaz de percebê-los e explorá-los adequadamente, em termos das finalidades pedagógicas que persegue: um recurso aparentemente pobre pode servir como desencadeador de experiências significativas que encaminhem à aprendizagem. Talvez, o necessário seja compreender 'como' deve ser feita a inserção de qualquer recurso, nas instituições de ensino e, em especial, 'como' o educador vai usá-lo, isto é, qual a *metodologia* a ser empregada para que os objetivos de ensino sejam alcançados.

Os Pedagogos Multimeios podem proporcionar uma revolução nas práticas educativas, trazendo 'na sua mochila' as possibilidades de transformação necessárias para modificar a educação e inovar na sala de aula, e, no caso da educação social, trazendo o educando cada vez 'mais para dentro' da instituição.

O curso de Pedagogia Multimeios e Informática Educativa foi criado a partir desses pressupostos, encaminhando a formação de um educador mais completo e capaz de 'tirar partido pedagógico' dos recursos de ensino. Assim, em relação ao uso do computador na educação, que, neste trabalho, é foco de atenção, na área da educação social, esse profissional, de acordo com o Projeto Político Pedagógico do curso (1998), em qualquer dos espaços educativos em que atue, deve, por exemplo, ser capaz de:

1. socializar informações sobre a importância do uso do computador como nova ferramenta didática, nos processos de ensino e aprendizagem e, ao mesmo tempo, sensibilizar para a utilização adequada desta ferramenta, estabelecendo as diferenças entre 'o uso da informática' e 'o uso da informática *educativa* ;
2. proporcionar aos professores a aquisição de conhecimentos e a consideração das vantagens e dos riscos do uso das ferramentas computacionais a adotar na escola, familiarizando-os com o *hardware* e os *softwares* educativos, para que eles possam desenvolver competências na aplicação da Informática Educativa em suas práticas pedagógicas;
3. repensar o papel do professor "informador" e introduzir a idéia do professor "facilitador", segundo o modelo pedagógico construtivista/interacionista;
4. criar projetos de ensino colaborativos, para a utilização do computador com finalidade educativa, para contribuir com o aprimoramento dos processos de ensinar e aprender;
5. auxiliar o educador em suas tarefas, utilizando os multimeios disponíveis como recursos básicos para viabilizar a aprendizagem significativa;
6. transformar o acesso ao laboratório de informática em uma prática rotineira, de modo que o computador na escola seja percebido como uma permanente ferramenta de auxílio na aprendizagem, para contribuir ainda mais para o desenvolvimento da autonomia do educando.

Refletindo sobre esta perspectiva, de forma a ampliar as considerações sobre a necessidade de mudanças profundas na educação contemporânea, face ao impacto das novas tecnologias de informação e comunicação no campo educativo, SANCHO (1997, p.37) destaca:



Mudar é sempre um desafio. A tecnologia é considerada um elemento diferenciador no processo individual de aprendizagem. É uma mudança que vai ocorrendo no aluno de forma desafiadora, gradual, prazerosa e gratificante. O uso do computador e da internet vai atuando como estímulo permanente à busca do conhecimento, somada à cooperação entre os usuários envolvendo discussão, confrontos de pontos de vista, resolução de problemas de forma colaborativa, tomadas de decisão, proporcionando um aprendizado interativo. Ao longo do curso o aluno vai desenvolvendo sua compreensão, interpretação, maior assimilação do conteúdo e conseqüentemente, maior capacidade cognitiva.

Esta necessidade de atualização, devida à ampliação contínua da capacidade e do alcance dos processos de comunicação e informação, exige, na prática pedagógica, uma proposta de inclusão que diversifique seus instrumentos e procedimentos, ampliando-os igualmente, de modo a encaminhar novas alternativas de acesso à aprendizagem através dos múltiplos sistemas eletrônicos, tanto presenciais como a distância. Estes recursos podem contribuir para a mobilização do aprendiz no processo educativo, facilitando a construção do conhecimento.

Novas interpretações para problemas que envolvem atividades cognitivas, afetivas e psicomotoras podem ser promovidas pelo uso crítico dos multimeios de comunicação e informação. A percepção destes recursos sob essa ótica permite a exploração do seu potencial formativo, a partir da consciência da validade, viabilidade e oportunidade de seu uso, a partir das quais a atuação do professor e/ou educador deve ser redimensionada, no sentido do uso didático-pedagógico dos multimeios, superando-se sua formação de 'explicitador de conteúdos', para a de 'mediador de conhecimentos' e co-responsável pela aprendizagem do aluno.

Educar, hoje, em pleno século XXI, requer dos nossos professores/educadores o domínio instrumental dos recursos multimídia com muito mais intensidade do que antigamente se exigia o correspondente domínio do uso do quadro de giz. Não podemos transformar a sala de aula em um depósito de informações, precisamos enriquecer esse ambiente com meios que proporcionem aos educandos o encaminhamento de uma aprendizagem voltada para a vida, para o mundo. Através de uma 'pedagogia' do uso dos multimeios, pode-se analisar e explorar pedagógica e criticamente os recursos da comunicação e informação em múltiplos espaços educativos.

Para fazer de modo diferente e original o seu trabalho, o educador não necessita dispor de grandes recursos, precisa, sim, desenvolver um olhar diferente

para os recursos que tem à disposição, para que seja capaz de utilizá-los de forma a construir o novo, aguçar ainda mais a curiosidade dos educandos e favorecer-lhes a autonomia, em sala de aula.

O curso de Pedagogia Multimeios, com base em sua proposta pedagógica, busca formar “profissionais conscientes da intencionalidade do uso dos recursos da tecnologia de informação e comunicação”, na educação e no ensino, desenvolvendo competências que venham a possibilitar a “formação de um homem crítico, criativo e consciente da necessidade de constante aprendizagem” (PUCRS/FACED, 2002 In CÔRTEZ, 2006, p.200), agregando, por conseguinte, indiscutível valor ao processo de formação de educadores contemporâneo.

Assim, o processo metodológico da avaliação, produção e utilização das tecnologias de informação e comunicação nos processos de ensino e aprendizagem, tão necessário nos dias de hoje, pode ser enriquecido decisivamente pela atuação deste profissional, nos múltiplos espaços educativos que se abrem à sua ação. A análise das diversas metodologias passíveis de uso em áreas específicas do conhecimento, o estudo do potencial pedagógico dos recursos tecnológicos e das possibilidades de criação e construção de materiais educativos, além da proposta de atividades de exploração destes instrumentos de ensino, podem igualmente ser desenvolvidos por este novo profissional da educação, encaminhando a possibilidade de uma aprendizagem mais contextualizada e significativa, também nos espaços educativos não-formais.

Com o apoio do trabalho de um Pedagogo Multimeios, como aqui se busca defender, o educador social passa a perceber que, para acontecer a almejada mudança pedagógica no fazer educativo, precisamos muito mais do que promover a auto-aprendizagem do educando.

Enfatizando o foco desse trabalho, nossa experiência tem apontado para o fato de que o avanço dos meios de comunicação e informação não tem encontrado eco suficiente nas instituições sociais que se dedicam ao trabalho educativo, pois seus instrumentos de ensino parecem continuar sendo fundamentalmente a lousa, o giz e a linguagem oral e escrita. E, se a atividade educativa pode ser encarada fundamentalmente como uma atividade *comunicativa* isso exige que a instituição como um todo integre os meios de comunicação ao seu dia-a-dia. Inserir essa nova

proposta e articular a ação entre Comunicação e Educação exige, por parte dos educadores, conhecimento e familiaridade com a linguagem dos meios, sem que se desviem do caráter pedagógico da prática docente.

Os processos interativos procuram estabelecer a probabilidade da expressão e da criação por meios audiovisuais. Os meios audiovisuais deixam de ser apenas uma ferramenta didática de 'ilustração' de conteúdos, demandando uma interação continuada que permite mais do que olhar imagens, interpretá-las e ressignificá-las, visando à criação de novos sentidos e novas mensagens.

É especialmente por meio das imagens e sons passíveis de serem anotados por ferramentas audiovisuais que se fundamenta a sociedade global. A linguagem audiovisual torna possível a veiculação de uma enorme variedade de informações, sob os mais diversos contornos e gêneros.

Os educandos precisam viver a experiências de descobrir por si mesmos o que está acontecendo, 'o quê' está sendo mostrado e 'como' está sendo mostrado, e também o que está sendo omitido. Se a comunicação, atualmente, está muito sustentada pela tecnologia de informação, isso coloca à educação múltiplos questionamentos. Um deles é a necessidade de alfabetização múltipla, pois a linguagem escrita já não basta, para entender o mundo, com a proliferação de tecnologias, de linguagens e de expressões. Isso implica alfabetizar os estudantes para que também sejam capazes de decodificar as novas formas comunicativas e elaborar suas próprias comunicações e articulações com esta realidade.

Nessa nova perspectiva de educação, o educador popular precisa de novos matizes pedagógicos, ampliando a dimensão pessoal e social de conceito de educador. E é nesse contexto que a Interdisciplinaridade atua, tornando-se uma atitude diante do conhecimento, que se expressa, por exemplo, como habilidade para exercer trocas com outros professores (especialistas) e para integrar as disciplinas em projetos comuns.

A prática pedagógica dos educadores populares que desenvolvem a abordagem interdisciplinar busca promover o exercício de relações de associação, colaboração, cooperação, complementação e integração entre oficinas realizadas dentro das instituições sociais. O contexto de interação entre as oficinas seria a expressão e fundamento de atitudes de interdisciplinaridade, no qual se

desdobrariam também em relações de intersubjetividade, na forma, por exemplo, de *parceria*, noção considerada como um dos princípios da prática interdisciplinar. Os educadores devem encaminhar trocas, não apenas entre seus conhecimentos e métodos, mas também entre suas atividades diárias.

Reavaliar as técnicas, integrar e associar os recursos multimídia ao aprendizado faz parte do processo interdisciplinar e de uma 'pedagogia multimeios', que não somente amplia a visão de educação, mas permite o resgate de qualquer planejamento, guiando o educador para o uso adequado das ferramentas de auxílio ao aprendizado do educando.

O Pedagogo Multimeios deve estar voltado para qualquer prática inclusiva, e permite-se conhecer e trabalhar com qualquer recurso que possa encaminhar aprendizagem e, acima de tudo, que possa propiciar ao educando que ele construa seu próprio conhecimento e se revele 'protagonista' dessa nova forma de aprendizagem.

O que se quer, também, com esse profissional, dentro das instituições, é promover o seu encontro mais efetivo com os educadores que, por algum motivo, não percebem que educar é também uma arte, e para fazer arte, precisamos de ferramentas de apoio que contribuam para que a arte possa ter mais brilho e conquiste mais admiradores.

O Pedagogo Multimeios luta para que a educação saia desta "*paralisia*" e reencontre o ânimo necessário para buscar superar os obstáculos que a impedem de mover-se rumo à transformação. É fundamental atuar nos espaços educativos no sentido de resgatar a educação, aparentemente sem rumo e obsoleta, encaminhando uma prática transformadora e digna, que não somente 'reproduza', mas que 'produza' novas perspectivas socioeducativas.

Educar para o todo, sempre olhando para o que é possível acrescentar em qualidade às práticas educativas, é o papel fundamental desse profissional, que desenvolve e estimula um olhar mais crítico sobre o processo educativo e sobre as ferramentas que, de alguma forma, podem se transformar em possibilidades de educação.

A Área Social Comunitária não deve ser diferente da área educativa escolar, e os Pedagogos Multimeios, dentro das escolas e das instituições sociais voltadas para

a educação não-formal, podem tornar viável o confronto produtivo com a verdadeira realidade de um mundo de novas tecnologias educativas e de múltiplos recursos pedagógicos.

## 4 METODOLOGIA

A estruturação, discussão e análise dos resultados deste trabalho envolveram os fundamentos de uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo-interpretativo, à medida que o propósito de investigação era compreender um determinado fenômeno social através das técnicas e instrumentos correspondentes.

A coleta de dados da pesquisa foi obtida através de uma entrevista semi-estruturada, realizada com uso de um instrumento de gravação, na qual o pesquisador participou e interagiu com os entrevistados. Para o alcance dos propósitos desta investigação, foram consultados três Coordenadores Pedagógicos de três instituições sociais de Porto Alegre: uma no Bairro Restinga, e outras duas na Região Nordeste de Porto Alegre, no Bairro Mário Quintana. São projetos na área social comunitária, com uma proposta de ação adequada ao tema que constitui a referência para este estudo.

A escolha do instrumento indicado sustentou-se no fato de que este tipo de técnica de levantamento de dados seria o mais adequado para os propósitos da investigação, uma vez que

Entrevista semi-estruturada é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido, as perguntas que são feitas ao indivíduo são predeterminadas. Ela se realiza de acordo com um formulário elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano. (MARCONI; LAKATOS, 1991, p.106)

O formulário utilizado serviu como instrumento essencial para uma investigação social cujo sistema de coleta de dados devia obter informações diretamente dos entrevistados. O que caracteriza o uso deste material é o contato face-a-face entre pesquisador e informante, e o roteiro de perguntas definidas pelo entrevistador, ainda que estas possam ser ampliadas/restringidas no momento da entrevista. O instrumento foi aplicado junto às coordenações dos Centros Sociais selecionados e, a partir da análise do conteúdo dessas entrevistas, pretendeu-se desenhar a importância da ação dos Pedagogos Multimeios nas instituições sociais, apontando igualmente algumas das abordagens pedagógicas que esses profissionais podem utilizar, durante suas atividades nesses centros.

A análise desse material encadeou-se ao levantamento bibliográfico correspondente ao tema estudado, voltado para a inclusão do Pedagogo Multimeios nas instituições sociais, e à experiência profissional que já vimos desenvolvendo num espaço dessa natureza, para, dessa forma, construir as condições de analisar as possibilidades de inclusão do Pedagogo Multimeios nas instituições sócio-comunitárias e de sugerir possíveis intervenções sobre o processo de formação de educadores sociais.

Nossa experiência profissional na área é necessariamente aqui indicada, por conta daquilo que, na percepção de LAKATOS; MARCONI (1991, p. 85), configura-se como 'conhecimento popular', e que se caracteriza por ser predominantemente

- a) Superficial, isto é, conforma-se com a aparência, com aquilo que se pode comprovar, simplesmente estando junto das coisas: se expressa por frases como "porque o vi", "porque o senti", "porque o disseram", "porque todo mundo diz";
- b) Sensitivo, ou seja, referente a vivências, estados de ânimo e emoções da vida diária.

Na opinião das autoras, o conhecimento popular não se distingue do conhecimento científico, nem pela veracidade, nem pela natureza do objeto conhecido: o que os diferencia, é a forma, o modo ou o método e os instrumentos do "conhecer" – assim, a vivência que temos construído na ação profissional cotidiana de educadores sociais, já há alguns anos, serve igualmente de referência para a análise e interpretação dos dados coletados.

Ainda que nossa experiência na área seja considerada, portanto, é importante destacar que buscamos o contraponto teórico em diversos autores, para fundamentação do trabalho, na medida em que pretendíamos ressaltar a necessidade de aliar o conhecimento e as competências pedagógicas desenvolvidas pela formação do Pedagogo Multimeios, às possibilidades de sua inserção nas instituições sócio-educativas, sem a pretensão de confrontar as formas atuais de trabalho nessas instituições, mas de tentar qualificar esse processo, sempre tendo em vista a evolução do educando e a melhoria do processo educativo.

Considerando-se as dificuldades de proporcionar aos educandos de instituições sociais uma percepção mais ampla do que seja o processo de inclusão digital, e sabendo que a realidade em que as instituições sociais atuam, por si só, já

é excludente, esta pesquisa pretendeu sugerir medidas e iniciativas que possam servir para debelar/minimizar alguns dos problemas característicos desses espaços de educação não-formal, de modo a colaborar para a discussão do tema da inclusão educacional como alternativa de inclusão social, proposta que pretende diminuir as disparidades sociais e fomentar o desenvolvimento humano sob todos os aspectos.

Assim, a entrevista semi-estruturada, instrumento para a coleta de dados, foi organizada conforme o roteiro abaixo:

- 1) Quantas oficinas de atividades pedagógicas são oferecidas pela instituição?
- 2) Quais destas oficinas utilizam recursos multimeios?
- 3) A instituição tem laboratório de informática?
- 4) Quem coordena o laboratório?
- 5) Que tipos de projeto de ensino são desenvolvidos nesse espaço?
- 6) Todas as oficinas utilizam o recurso do laboratório de informática?
- 7) Como os projetos são realizados? Toda a instituição participa desses projetos?
- 8) Como a instituição percebe a possibilidade de ter um profissional como o Pedagogo MM/IE orientando as atividades desenvolvidas nas oficinas?
- 9) Que benefícios acredita que poderiam ser obtidos, com o auxílio desse profissional?
- 10) Como é estabelecida a ligação com o uso das tecnologias, na organização do trabalho nas oficinas?



11) Qual a proposta institucional de formação realizada com os educadores, para prepará-los para o uso das tecnologias, em seu trabalho pedagógico?

12) Que tipo de formação acredita que um educador precisa ter, para conseguir trabalhar na área social-comunitária?

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

Esta pesquisa teve como ponto de partida nossa preocupação referente às tecnologias de comunicação e informação como recurso de aprendizagem na Educação Não-formal, ou seja, em trabalhos que as envolvam em ações comunitárias sociais.

Sua finalidade mais ampla foi analisar as possibilidades de inserção profissional do Pedagogo Multimeios em obras sociais, evidenciando seu papel de articulador do uso pedagógico das tecnologias de comunicação e informação na área social comunitária, sabendo que este espaço educativo é rico de propostas que poderiam abranger todo o conhecimento e competência desse Pedagogo.

Como toda a pesquisa que envolve uma preocupação em conhecer determinadas práticas, buscando discutir alternativas de organizá-las, ou então, novos caminhos a serem percorridos e melhorados, foram elaboradas algumas perguntas básicas, que possibilitaram ao entrevistador encaminhar os seus objetivos. Como o instrumento para o levantamento dos dados foi uma entrevista semi-estruturada, algumas das questões apresentadas foram reformuladas/ampliadas, durante a entrevista.

A apresentação dos resultados obtidos através do instrumento de coleta de dados – entrevista – organizou-se através dos tópicos abaixo, os quais resumem as categorias definidas para estudo, com base nos objetivos propostos pela investigação.

### 5.1 As Tecnologias da Comunicação e Informação no trabalho Social Comunitário

No desenvolvimento da pesquisa em questão, nesta fase de levantamento de dados, as perguntas elaboradas para a entrevista tiveram a pretensão de conduzir à reflexão sobre *a aplicabilidade didático-pedagógica das tecnologias da comunicação e informação no trabalho social comunitário*, já que necessitamos conhecer a realidade das instituições nas quais estão inseridos os sujeitos entrevistados.

Questionados a respeito de quantas oficinas de atividades pedagógicas são oferecidas pela instituição, assim como quais delas utilizam recursos multimeios, os entrevistados A e B responderam que possuem oficinas estruturadas para atendimento de crianças de 7 a 14 anos, e também um trabalho educativo que atende adolescentes de 14 a 18 anos. Porém, o sujeito C coloca que em sua instituição o atendimento é realizado somente com crianças de 7 a 14 anos.

Nos questionamentos referentes ao uso dos multimeios nessas oficinas, os sujeitos B e C afirmam que todas as oficinas utilizam-se de recursos, como a televisão, o rádio, o jornal e até mesmo a informática, porém não como recursos pedagógicos e, sim, como uma complementação de uma atividade (apresentando, por exemplo, um filme em dias de chuva). Conforme cita o sujeito C: *... Quando os educadores de uma área como a educação física ou de esportes, que necessitam usar pátio, ficam impossibilitados nos dias de chuva, levam os educandos para a sala de vídeo e apresentam um filme relacionado à prática desse esporte.*

O sujeito A quando questionado respondeu da seguinte forma: *... Nós temos um laboratório bem pequeno de informática.* Entendendo que o mesmo não compreendeu a pergunta, intervimos, reelaborando a questão, apresentando-a da seguinte forma: *E outros recursos, como televisão, rádio, jornal, são utilizados?* Então, respondeu: *... Sim. Nós utilizamos periodicamente a televisão, com algum filme ou algum desenho que tem a ver com os projetos (com) que nós trabalhamos com as crianças.*

Na reflexão sobre essas primeiras respostas, verifica-se que, quando se fala de 'recursos multimeios', os educadores ainda desconhecem o seu verdadeiro sentido, e até mesmo sua aplicabilidade dentro de suas atividades, pois, como nós, Pedagogos MM/IE, bem sabemos, os multimeios são recursos da área da informação e comunicação, e não, só da informática... São recursos que devem ser trabalhados com base num planejamento de ensino, e que devem conduzir a uma reflexão sobre a prática, auxiliando o educador a alcançar seus objetivos educacionais. Os recursos de Multimeios, como televisão, vídeos, DVD ou multimídia, estão presentes nas instituições escolares, sejam elas espaços formais ou não-formais, mas apenas como recursos "complementares" ou "opcionais", usados quando da falta de condições para a realização de outras atividades.

A gestão destas tecnologias ainda está ligada ao entretenimento, e elas não são percebidas como recursos que possam ajudar no ensino e na aprendizagem. Os problemas vêm revestidos de diferentes formas, desde o uso indevido, no que tange ao cuidado dos usuários com equipamentos, até a própria resistência dos educadores na inclusão de meios considerados comuns ou corriqueiros da vida social. Os educadores impõem dificuldades, inclusive, relacionadas a limitações quanto à sua própria locomoção com os equipamentos, entre as salas e espaços físicos institucionais...

Para CYSNEIROS (2003, p. 23), o fato de que há uma certa crença na tecnologia educacional como 'substantivo' é o que permeia tal raciocínio:

Ora, equipamentos eletrônicos são usados em casa para lazer, não para trabalho. São usos genéricos, superficiais. Raramente encontramos uma pessoa que tenha explorado os recursos disponíveis e seus equipamentos domésticos de modo planejado. Em casa, o equipamento "está lá", disponível, sem exigir mudança de lugar na sala, novas técnicas de ensino, manejo de classe diferente etc.

Isto só afirma que o papel do Pedagogo MM/IE é de abrir caminhos, apoiado em suas competências na exploração e utilização dos meios de comunicação, pois deve saber 'quais' e 'como' são os caminhos para a transformação da ação educativa em possibilidades de pensar atividades prazerosas e aprendizagens inseridas na aproximação com a vida real.

Existe hoje certa urgência em preparar educadores sociais aptos a enfrentar os desafios colocados por uma sociedade em mudança. Ser educador social-comunitário, nesta nova dimensão, significa comprometimento com a construção de uma nova realidade.

Sabemos que, por isso, atualmente, são trazidas e apresentadas como 'mudanças efetivas', para esses educadores e instituições, as novas propostas de inserção de laboratórios de informática para promover a inclusão digital e, através dela, a inclusão social das crianças e jovens desse contexto. Mas, a preocupação maior é compreender 'de que forma' é feita essa inserção, e quem organiza as propostas de atividades dentro desses espaços.

Conforme os entrevistados, todas as instituições possuem laboratórios de informática, alguns maiores, com mais estrutura física e outros nem tanto, e todos

eles ficam sem orientação de um educador que realmente conheça as formas de promover uma adequação entre o que é trabalhado nas demais oficinas pedagógicas, e o que é feito dentro do laboratório.

Nesses espaços, precisamos que o educador que está à frente do trabalho pedagógico, antes de utilizar qualquer recurso como instrumento de sua prática educativa, possa perceber a real necessidade da utilização do recurso naquele momento, e ele só poderá se dar conta dessa real necessidade, se for capaz de articular a dialética entre o indivíduo e o seu ambiente, trazendo questionamentos sobre o uso da tecnologia. Se não conseguir perceber essa questão, muito provavelmente terá a percepção que quase todos os educadores, infelizmente, têm, de que a tecnologia se reduz à existência de máquinas de última geração, e de que a tecnologia 'desumaniza' o ensino, impossibilitando o encontro da educação com os recursos multimídia.

Abordando a necessidade de uma nova concepção de fazer educação, nos dias de hoje, LÉVY (1999, p.21) sugere que, neste momento histórico, em uma sociedade de mudanças,

"Antes mesmo de influir sobre o aluno, o uso dos computadores obriga aos professores a repensar o ensino de sua disciplina. A elaboração de um programa de ensino assistido por computador ou um software didático necessita uma explicitação e classificação das intenções do conceptor, uma adaptação exata aos objetivos dos meios empregados, uma distinção dos gêneros de discurso".

Os educadores sociais não podem aceitar que, por trabalhar em uma realidade mais carente, a criança (ou o adolescente) envolvida nessa realidade está alheia aos recursos e aos avanços tecnológicos, principalmente dos que hoje são utilizados nas escolas particulares. Engana-se o educador, ao pensar que, utilizando apenas lápis e papel para desenhar, nas suas oficinas, conseguirá promover alguma modificação substancial no educando.

Ao utilizar esses espaços tecnológicos, precisamos ter um olhar e uma preocupação permanentes sobre como esses espaços estão sendo utilizados, quais os projetos desenvolvidos, e se eles promovem uma perspectiva interdisciplinar, entre as várias oficinas institucionais oferecidas. A Pedagogia MM/IE nos propõe uma reflexão também permanente sobre nossas práticas, e sobre a forma como

utilizamos os recursos ao nosso alcance como ferramentas de ensino e aprendizagem. Constantemente, em qualquer meio educativo, contamos com determinados materiais que poderiam ser ricos em promover a construção do saber, mas, por comodidade, medo ou resistência, os educadores, de uma forma geral, não contemplam em suas práticas esses materiais. A partir de nossa prática cotidiana numa instituição de educação comunitária, e do entendimento que construímos sobre a concepção essencial de educação não-formal – e do que ela exige do educador – podemos tentar sugerir as linhas-mestras do perfil necessário para o educador que deseja promover a inclusão social, em suas atividades.

Conforme a questão levantada, durante a entrevista, sobre os projetos desenvolvidos dentro desses espaços, o sujeito B ficou em dúvida, respondendo: *Como assim? Não entendi!? Ah, sim, eventualmente se usa para fins de pesquisa ou lúdico, mas nem todas as oficinas utilizam.* Com essa colocação, podemos compreender que muitas vezes os nossos educadores, nesse contexto educacional, ficam em dúvida quanto ao que podem fazer, na instituição, quanto àquilo que pode ser realizado e como pode ser feito.

Nesses espaços informatizados, os educadores acabam por encontrar dificuldades em desenvolver projetos que promovam uma integração entre as oficinas, ou até mesmo, com a instituição num todo; os projetos realizados nas oficinas de informática, por exemplo, muitas vezes são restritos, envolvendo uma pequena pesquisa, a construção de um *Power Point*, ou o acesso a *sites* sobre algum tema trabalhado numa oficina.

Querendo compreender qual o nível de utilização desses espaços, seguiram-se os questionamentos correspondentes, com o sujeito C afirmando, em sua resposta, *que nem todas as oficinas utilizam o laboratório, porque alguns educadores desconhecem como utilizar e não dominam esses recursos.* Já os entrevistados A e B manifestam que todas as oficinas utilizam o espaço do laboratório para projetos que estejam acontecendo na instituição.

O sujeito A afirma que a instituição tem essa preocupação de tentar unir as oficinas dos projetos desenvolvidos às atividades realizadas no laboratório, mas quase nunca obtém sucesso com as propostas, ou por não conseguirem motivar os

educadores, ou por não disporem de algum educador que possa acompanhar os projetos desenvolvidos no laboratório de informática.

Em meio aos avanços e da demanda de recursos que invadem o ensino, precisamos, então, de um educador que, conforme indica Freire (1999),

- domine os instrumentos necessários para o desempenho competente de suas funções, e tenha capacidade de tematizar a própria prática, refletindo criticamente a respeito dela;
- conheça bem os conteúdos curriculares, saiba planejar e desenvolver situações de ensino e de aprendizagem, estimule as interações sociais de seus educandos e administre com tranqüilidade as situações, dentro das suas oficinas;
- reconheça, aceite e valorize as formas de aprender e interagir de seus educandos, respeitando suas diversidades culturais e sabendo lidar bem com elas, comprometendo-se com o sucesso deles e com o funcionamento eficiente e democrático da instituição educacional em que atua;
- valorize o saber que produz em seu trabalho cotidiano, empenhando-se no próprio aperfeiçoamento e tendo consciência de sua dignidade como ser humano e profissional;
- compreenda os fundamentos da cidadania, conseguindo utilizar formas contemporâneas de linguagem e dominar os princípios científicos e tecnológicos que sustentam a produção da vida atual.

Este é, assim, um encaminhamento para a formação de um ser humano integral, capaz de continuar aprendendo e um cidadão responsável e participativo, integrado ao projeto da sociedade em que vive e, ao mesmo tempo, crítico sobre as formas de executar o seu trabalho.

Podendo desenvolver essa visão, o educador conseguirá elaborar as atividades dentro de suas oficinas com mais propriedade e mais profundidade, não utilizando os recursos por utilizar – seu trabalho terá como base uma fundamentação teórica, durante o processo de construção de qualquer projeto, de qualquer atividade proposta.

Assim, finalizamos a análise desse tópico, conhecendo um pouco mais a realidade das instituições selecionadas, no que tange à aplicabilidade didático-pedagógica das tecnologias da comunicação e informação em seu trabalho social/comunitário, entendendo que ainda há que planejar de forma mais ampla as atividades propostas, para que realmente desenvolvam um processo de ensino capaz de encaminhar uma aprendizagem significativa, dentro das instituições sociais.

## **5.2 Pedagogo MM/IE como articulador educativo na área social comunitária**

A problemática da formação de educadores exige daqueles que são comprometidos com a Educação, neste país, debruçarem-se sobre questões que se constituem desafio permanente e exigem conhecimento profundo das raízes em que se fundamentam. Uma visão clara, abrangente e profunda do papel que desempenha e deve desempenhar na sociedade, permite ao educador uma atuação mais competente, o que não quer dizer que basta ver claro para agir bem, uma vez que consciência e vontade não são atitudes sinônimas, mas que a atitude crítica do educador sobre os meios e os fins de sua atuação pode ajudá-lo a caminhar mais seguramente na direção de seus objetivos.

*Reconhecer as alternativas de inserção profissional do Pedagogo MM/IE também na área da educação não-formal*, numa perspectiva inclusiva, é o segundo objetivo levantado nessa pesquisa, e encaminha uma reflexão crítica sobre como é importante o conhecimento do educador, em relação às formas de promover a educação, e como o é, igualmente, a sua compreensão destas enquanto um processo articulado com as realidades sociais, em que a educação atua como mediadora. Essa constatação, em face das demais manifestações sociais, requer que o educador não fique sem compreender o que é possível utilizar em seu trabalho, em termos de ferramentas pedagógicas para promover a educação, em qualquer espaço.



O curso de Pedagogia MM/IE desenvolve em seus alunos a necessidade de que todos os educadores percebam que a tecnologia é uma produção basicamente humana, mesmo que, para muitos, utilizar os recursos tecnológicos que estão prontos, para criar novas propostas, ainda seja uma dificuldade (até de cunho paradigmático) – para os Pedagogos MMIE, essas ferramentas propõem que os meios sejam cada vez mais vivenciados ‘na prática’.

Todo educador popular precisa ter noção dos objetivos e propósitos, na hora de ensinar pessoas a usar o computador, rádio, televisão ou qualquer outro recurso multimídia, e não adianta apenas oferecer acesso à internet e editor de textos. Precisamos transformar a perspectiva de vida das pessoas, ensiná-las a buscar soluções práticas que melhorem a vida diária desses educandos, orientando para uma prática mais inclusiva e educativa: quando se ensina a usar o computador, por exemplo, pode-se ensinar que, através dele, o educando tem acesso a respostas para algumas das dificuldades encontradas diariamente, e que envolvem o exercício de sua cidadania.

O acesso às mídias digitais não é uma exclusividade da elite. Há vários caminhos de melhorar o cenário atual de exclusão, com relações custo/benefício razoáveis, inclusive, utilizando-se recursos que aparentemente não costumam ser utilizados nesta perspectiva, como o jornal, por exemplo – o jornal é um recurso tecnológico, que em muitas instituições sociais também poderia ser utilizado para promover a inclusão.

Uma das preocupações, nessa pesquisa, era compreender como os entrevistados fazem a ligação do uso das tecnologias com os trabalhos realizados nas oficinas, durante seus planejamentos. Quando questionados, além das dúvidas que a pergunta levantou ("*Como assim?*"), pareceu ficar claro que o incentivo para o uso dos recursos tecnológicos vem sempre por parte dos coordenadores pedagógicos institucionais. Embora os respondentes declarem acreditar que, inserindo novos recursos no ensino, podemos melhor contribuir para a aprendizagem dos educandos, parecem só usá-los sob sugestão superior, e não, por vontade (ou interesse?) própria. De qualquer maneira, afirmam que todo o trabalho realizado, com qualquer material, sempre é pensado de forma a não ficar desconectado com o conteúdo trabalhado.

Essa preocupação de não se desconectar da prática é um cuidado que todos os educadores sociais precisam ter, compreendendo que, com o uso das tecnologias, produzimos instrumentos, proporcionamos meios para construir objetos. Usamos a tecnologia não só porque queremos usá-la, mas, como ela está presente no nosso dia-a-dia, precisamos inseri-la também no nosso 'sistema operacional', constituído por nossas atividades diárias. Quando negamos essas propostas como formas educativas, ou quando as consideramos um 'sacrifício' ("De novo! Temos que levar todas as crianças para o laboratório?"), acabamos por ficar obsoletos, porque não conseguimos utilizar os recursos tecnológicos como possibilidade de aprendizagem, o que pode nos impedir de direcionar nosso trabalho às necessárias mudanças.

Quando promovemos, de alguma forma, nos espaços educativos, a inclusão de alguma proposta voltada para a inserção de novos recursos, precisamos estar atentos à formação que a instituição irá promover para o educador social, porque esse educador necessita estar inserido em toda e qualquer proposta que venha a acrescentar valor para a vida pessoal e profissional dos educandos. É preciso entender que essas ferramentas, introduzidas nas oficinas, permitirão que os educandos vivenciem, na prática, as teorias aplicadas, mas precisamos que essa formação integre, de alguma forma, não somente a capacitação do educador social, mas contemplem igualmente sua formação permanente e continuada.

Considerando que muitas instituições sociais ainda não estão desenvolvendo mecanismos que preparem seus educadores para receber essas novas propostas, a falta de compreensão do que é 'tecnológico' dificulta a inclusão de educandos e educadores no uso da tecnologia. Na utilização da tecnologia, não importa qual será o instrumento que o educador utilizará para fazer a adaptação e a transformação do indivíduo, via educação. É necessário que ele desenvolva um olhar mais crítico, ao utilizar as ferramentas nas atividades propostas, fazendo com que sua ação educativa deixe de ser voltada para si, e passe a buscar a construção da autonomia do educando.

E uma das respostas, referente ao uso de uma proposta pedagógica, como base para o seu trabalho educativo, o entrevistado A respondeu da seguinte forma: *Não, não existe! (risos) Não existe a proposta, mas não que não possa existir.* As instituições percebem a necessidade de tê-la, mas acabam por não se preocupar

com algo de extrema importância, que é a formação do educador, porque, se esse educador, que está na linha de frente da formação de crianças, jovens e adultos, não estiver preparado, não conseguiremos promover o desenvolvimento educacional e independente da localidade, bairro, instituição de ensino, seja ela formal ou não-formal. Por isso, precisamos, sim, ficar permanentemente atentos para essa formação.

Se não nos preocuparmos com a formação, não teremos parâmetros e não conseguiremos compreender qual o perfil do educador social-comunitário. Não podemos acreditar que, para ser educador, hoje, como afirma o entrevistado A, referindo-se à formação do educador, que o básico seja ter feito apenas "*o Ensino Médio*"... Não é mais possível, ao educador, nos dias de hoje, relacionar-se dessa forma restrita com a importância da educação popular.

Não basta promover educação, por promover... "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (FREIRE, 1996 p. 25). Precisamos recriar nossos espaços, atualizando-nos e compreendendo nossos verdadeiros papéis como educadores sociais, frente a essa realidade que exige muito do educador, para que a educação não seja em vão.

Os desafios da educação não-formal são inúmeros, as propostas devem ser sempre voltadas para promover a inclusão, recuperando-se, assim, todos os recursos de ensino que ainda não são utilizados – e isso deve ser um desafio para os educadores sociais, pois:

"Os desafios situam-se na busca de novos conceitos e práticas que irão reformular as dimensões da tecnologia, do papel social do técnico inserido numa sociedade em mutação e do perfil de docentes e alunos que irão atuar num mundo tecnologicamente diferente." (BASTOS, 1996, p: 1).

Por isso, a formação que o educador social precisa ter vai além de dominar (às vezes, minimamente) apenas a sua área de atuação; precisa estar atento ao seu próprio aperfeiçoamento e contribuir com outras e variadas formas para a inclusão social, para encaminhar o resgate mais amplo de seus propósitos, conseguindo enxergar, nesses desafios, novos princípios e novos meios de promover práticas inclusivas e geradoras de saber.

Acreditamos que a formação necessária para o educador social, nesse momento educacional, seria aquela que proporcionasse a formação de um educador

comprometido com suas práticas, unindo as teorias com a prática, desenvolvendo propostas mais humanistas, igualitárias, possibilitando, nos espaços em que atua, práticas inovadoras, comprometidas e que desencadeiem formação humana, libertadora e construtivista.

A informática, principalmente na educação popular, tornou-se uma necessidade, tendo também a missão de preparar o educando para a vida. Não se pode negar que a informática faz parte de nossas vidas. Para algumas pessoas, é difícil a compreensão, até porque, mesmo com os avanços tecnológicos por toda a parte, muitas pessoas ainda se atrapalham com as máquinas que lhe são "impostas" em bancos, supermercados, postos de abastecimento, etc.

Tanto na educação formal quanto na não-formal existe um receio, por parte dos educadores, referente ao uso desse recurso como ferramenta pedagógica. O computador vem como um novo meio de dar suporte a idéias e abordagens pedagógicas já existentes. Ele não irá substituir o educador, como se pensava antes, mas, sim, irá ajudá-lo a produzir conhecimento de uma forma mais lúdica e mais próxima da realidade contemporânea. A utilização de computadores na educação pode ser muito diversificada, interessante e desafiadora, se ampliarmos as perspectivas de formação dos educadores.

Cada entrevistado, quando perguntado sobre a importância de se ter um profissional capacitado para formar os educadores sociais, expressou de diversas formas as razões pelas quais se deve dispor de um profissional com esse conhecimento, dentro das instituições. Assim, o sujeito A cita... *Ah! Iria ser muito bom. Porque nós temos educadores que não têm essa capacitação ainda, não são totalmente qualificados para trabalhar nessa área, então seria interessante se nós conseguíssemos.* Já o sujeito B afirma... *Eu vou falar da minha parte, por que não tenho como falar da instituição toda, eu vejo com bons olhos, né? Porque eu acho que é irreversível o uso dela (da Informática) na questão pedagógica, e alguém para direcionar e orientar é muito importante, assim, porque o Jovem, o adolescente, a criança, em si, ela 'tá' diretamente em contato com o uso do multimídia, e tem que fazer o uso da melhor forma; então, alguém formado dentro dessa área seria interessante.*

Percebemos que neste contexto educativo, onde precisamos educar para a vida, para a realidade da vida, necessitamos ter propostas que contemplem uma visão maior da realidade vivida. O Pedagogo Multimeios pode permitir que esses "links" possam existir, contribuindo de forma efetiva para tanto, dentro das instituições sociais, que hoje acabam por ser o público que mais necessita deste acompanhamento. Existem, sim, alguns limites, para que possamos desenvolver esse trabalho com qualidade, mas não podemos desistir de tentar trazer para dentro dessas instituições sociais esse desafio, porque, se não for percebido o quanto se torna importante mudar as propostas atuais de educação, nessa área, pode vir a ser comprometida grande parte da formação dos educandos.

Os benefícios que atuação desses profissionais poderia trazer para toda a instituição foram citados pelos entrevistados, tanto na possibilidade de ter o Pedagogo Multimeios como orientador nos projetos desenvolvidos, ou mesmo como um formador dos educadores envolvidos. Como indica o sujeito C... *O benefício vai ser aumentar a auto-estima das crianças, vai melhorar a relação deles com a família, até a própria relação do educador com o educando.* Talvez, quando o sujeito C coloca esses benefícios, faça-o porque, nesses ambientes, muitas vezes os educandos não gostam de participar das oficinas, por não encontrar nelas algo mais lúdico, com mais qualidade de planejamento, com maior utilização de outros recursos mais atrativos.

Esta abordagem permite que se possa definir 'inclusão social' não somente como uma distribuição adequada de recursos, por parte das políticas públicas, mas como participação na determinação das oportunidades individuais e coletivas de vida. O mais importante, na elaboração de qualquer projeto que utilize recursos multimídia, não é a disponibilidade do computador nem da linha para Internet, mas a promoção da habilidade de as pessoas usarem a máquina e a linha para se engajar em práticas sociais significativas. É essa competência que permitirá o engajamento de uma série de recursos didáticos aos propósitos mais amplos da melhoria social e econômica, e do poder político do público-alvo e das comunidades envolvidas.

O Pedagogo Multimeios, atuando com base nessa concepção de inclusão digital/social, ao analisar e planejar a prática diária, na organização de seus projetos

educativos, poderá fortalecer a educação social comunitária, revigorando-a e, acima de tudo, reestruturando-a de forma mais integral.

A Educação Popular possui sua singularidade decorrente da ligação com a prática social, com os interesses populares, sendo as atividades exercidas por educadores que assumem uma postura político-ideológica de opção por uma classe desfavorecida e, em função de seu trabalho consciente, organizado e planejado intencionalmente no sentido de romper com práticas dominantes, lançam um outro olhar para o contexto educacional. Por isso, o papel do educador é colocar-se junto ao educando, problematizando o mundo real e imaginário, contribuindo para que possa compreendê-lo e reinventá-lo, crescendo e aprendendo junto com o educando, tentando vivenciar, juntamente com ele, seus conflitos, invenções, curiosidades, desejos, respeitando-o como um ser que vive de modo diferente (e, por isso, às vezes, 'pensa' diferente), respeitando a sua individualidade e seu potencial.

Se o educador conseguir utilizar os recursos multimídia para promover o encontro entre as ferramentas utilizadas e as necessidades de aprendizagem, por parte do educando, muito provavelmente obterá grandes resultados quanto à aprendizagem, aumentando ainda mais o elo de ligação entre os objetivos da educação e as ferramentas de apoio.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação inicial e motivadora da realização desta pesquisa era a da possibilidade das instituições sociais incorporarem o uso dos multimeios e das tecnologias da comunicação aos espaços educacionais propostos pela instituição.

Quando iniciamos o trabalho, partíamos do pressuposto de que as instituições sociais absorveriam esses recursos sem problematizá-los, minimizando a contribuição dos demais aspectos determinantes do sucesso ou do fracasso educacional. Ou seja, que a instituição corria o risco de absorver os recursos tecnológicos como solucionadores dos problemas educacionais, reduzindo o problema da educação ao trabalho desenvolvido nas oficinas.

As informações discutidas sinalizam para a dimensão da pesquisa, que, embora restrita, expressa-se em ações voltadas para produzir conhecimento no campo da educação social. Socializando propostas, experiências, refletindo e discutindo sobre questões do cotidiano nas comunidades atendidas pelas instituições sociais, procurando referências teóricas que iluminem a compreensão da realidade social comunitária, é possível lançar olhares investigativos e críticos sobre as relações e práticas comunitárias, bem como sobre a formação dos educadores para essa área. Assim, as dimensões da problemática da utilização dos computadores, nessa investigação, nos fazem reportar a FREIRE (1996, p. 29), quando diz: “Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.

A análise dos depoimentos, ao atentar para as expectativas e propostas de utilização das tecnologias da comunicação no contexto dessas instituições, revelou que, ao contrário do que pensávamos, estas parecem centralizar-se em torno do uso das tecnologias da comunicação e dos multimeios como meios, instrumentos que auxiliam os sujeitos do processo educativo, e não, como soluções, fins, para os problemas educacionais.

Porém, a ênfase dada às tecnologias da comunicação e os multimeios na educação social por cada um dos segmentos pareceu-nos ser diferente. Para os coordenadores, estes instrumentos ajudam a modificar a aparência obsoleta da didática já aplicada nas oficinas, e precisam ser incorporados como um meio que

facilita a operacionalização do trabalho dos educadores. Para estes, embora sejam um dos meios que facilitam os processos de ensino e aprendizagem, as tecnologias da comunicação e os multimeios asseguram o envolvimento, o interesse maior dos educandos com as aulas e modernizam a instituição, permitindo uma certa 'concorrência' com os demais meios de comunicação social. Já para os educadores sociais, a inserção desses recursos e dessas novas possibilidades parece causar alguns estranhamentos e algumas dificuldades práticas.

A análise destes depoimentos ajuda-nos a repensar o problema da educação social no Brasil. Algumas instituições sociais continuam sendo acusadas de maximizar os processos de exclusão social, intelectual, cultural e econômica. Diante deste veredicto, é muito confortável absorver os recursos tecnológicos como solucionadores mágicos dos problemas educacionais, ou seja, conceber a tecnologia como algo independente das relações sociais, de poder e de classe.

Devemos, então, como Pedagogos Multimeios que somos, refletir sobre a possibilidade de rever algumas questões, quando pensamos as formas metodológicas de atuar na educação não-formal. Assim, por exemplo, antes de discutir a introdução de novas possibilidades de utilização dos recursos tecnológicos nesses espaços educativos, temos que reverter alguns "pré-conceitos" referentes a esse uso, uma vez que, talvez, ainda faltem orientações e planejamento didático-pedagógico adequados, para que sejam incorporados ao trabalho educativo, nas instituições sociais. Com base nessas dificuldades, acabamos, muitas vezes, por retardar a utilização de recursos como Televisão, Rádio, Jornal, nesses ambientes educativos, não só devido ao receio dos educadores em trabalhar com essas novas possibilidades didáticas, mas também pela usual falta de incentivo das coordenações pedagógicas institucionais.

Durante nossa trajetória profissional, acabamos percebendo que, a cada dia, é preciso buscar transformar as propostas educativas de uso do laboratório de informática institucional, bem como da utilização dos outros recursos multimídia, a fim de organizar um trabalho educativo construído em conjunto com toda a instituição, possibilitando que novas portas se abram para esse tema.

É visível, hoje, em toda a ação educativa, que em diversas situações, a atividade proposta ao educando, às vezes, envolve o seu maior domínio sobre o



recurso utilizado, do que o do professor. Assim, muitos educadores desistem da utilização dos recursos por não dominá-los, indicando que ainda está muito presente, entre alguns educadores, a postura de que ele precisa 'dominar tudo', e somente ele é o 'detentor do saber', esquecendo-se que, nos dias de hoje, a sala de aula deixou de ser 'propriedade do professor', como o era na perspectiva tradicional do ensino (por isso, talvez, é que tenhamos ainda muitas limitações quanto ao uso de uma "Pedagogia dos Multimeios").

O princípio mobilizador da utilização dos multimeios, também na área social comunitária, é o de que eles devem funcionar como auxílio e apoio para as aulas, mas sabemos que isso exige uma transformação nos papéis tradicionalmente desempenhados pelo binômio professor-aluno, em sala de aula.

Diante da entrada dos novos meios de tecnologia em nosso cotidiano, a educação não pode caminhar longe deste contexto, pois é exatamente aproveitando-se destes mecanismos, que ela abrange cada vez mais pessoas, em diferentes locais e com perspectivas variadas dos conteúdos de ensino, o que influencia, inclusive, a facilidade e o prazer do indivíduo em aprender.

E é nessa visão, neste novo enfoque para os papéis do educador e do educando, nesta nova concepção de educação como um processo mais amplo de formação humana e cidadã, também desenvolvido qualificadamente pelos espaços não-formais, que as coordenações pedagógicas institucionais precisam ser introduzidas. Vimos constatando, através de nosso trabalho em uma instituição social, que ainda é fraco o apoio das coordenações pedagógicas, em relação a esse tema, e acreditamos que, nessa área, o educador precisa trabalhar diretamente com a coordenação, pois é ela, basicamente, que precisa introduzir essas questões na instituição, discutindo-as com os educadores e incorporando-as ao trabalho educativo. Se não há essa 'união pedagógica', essa articulação, o educador social acaba por trabalhar sozinho, dentro da instituição, e a utilização dos recursos, principalmente do laboratório de informática, acaba sendo proposta como mero "tapa-furo" das atividades educativas programadas.

O aumento de qualidade que o educador social pode conseguir, em suas oficinas, ao adotar as técnicas e procedimentos adequados de preparação de aulas com o uso de multimídia no computador, com o envolvimento dos educandos em

projetos interdisciplinares e multidisciplinares, o envolvimento da comunidade educativa em projetos de ensino, o atendimento à proposta pedagógica da instituição de ensino e, ainda, o diferencial que pode ser obtido através de uma nova e consistente formação de educadores, talvez venha a colaborar para tornar a prática educativa também mais consistente e eficaz.

Isto é, talvez o que se apresente como mais importante a ser considerado, no uso das tecnologias de informação e comunicação na educação e, em especial, na educação não-formal, sejam as várias considerações sobre o seu papel nestes espaços, aqui colocadas para o debate, uma vez que não se pretende que este trabalho seja um 'discurso final', mas um instrumento de diálogo e colaboração entre aqueles que querem usar as tecnologias como ferramentas pedagógicas úteis, agradáveis e ativamente participantes de qualquer processo de ensino e aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, J. A. de S. L. de A. **O papel dos centros tecnológicos na formação de docentes e alunos, e em sua vinculação com o setor produtivo.** Trabalho apresentado no IV Congresso de Educación Tecnológica de los Países del MERCOSUR, Montivideo, 1996.

BOFF, L. **Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela Terra.** Petrópolis: Vozes, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã.** Petrópolis, Vozes, 2002, 456 p.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** Trad. de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CÔRTEZ, Helena Sporleder **Educação para um novo tempo: a proposta de formação do urso de Pedagogia Multimeios e Informática Educativa, da FAED/ PUCRS.** P.189/2006 (*In*) FARIA, Elaine Turk. *Educação Presencia e Virtual: espaços complementares essenciais na escola e na empresa.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, 219 p.

\_\_\_\_\_ **Memória de um sonho – a história de uma nova proposta de formação de educadores.** Revista Educação PPGE. Porto Alegre: EDIPUCRS, ano XXX n. especial, p. 47-60, out. 2007 disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/3546>. Acesso em 24 jun 2008.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática.** Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

CYSNEIROS, P.G. 2003. Programa Nacional de Informática na Educação: Novas tecnologias, velhas estruturas. In: Barreto, R. G. (Org.). 2003. **Tecnologias Educacionais e Educação a Distância: Avaliando políticas e práticas.** Quartet. Rio de Janeiro, p. 120-144.

\_\_\_\_\_ **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez Editora, 1999.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia do Oprimido. 17.** ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia da Autonomia.** 9ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996 p: 56.

\_\_\_\_\_ **Professora sim, tia não.** São Paulo: Olho d' Água, 1993.

FREIRE, Paulo; PASSETTI, Edson. **Conversação Libertária com Paulo Freire.** São Paulo: Imaginário, 1994-1995.

GOHN, M G **Educação não-formal e cultura política.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GOMES, R. C. G., PEZZI, S., BARCIA, R. M. **Tecnologia e andragogia: aliadas na Educação à distância. In: VIII Congresso internacional de educação à distância,** Brasília, 2001. Em: <http://www.abed.org.br/> Acesso em: 8/2001.

HAETINGER, Max Günther. **Informática na Educação – um olhar criativo.** Porto Alegre: Instituto Criar, 2003.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1991.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** 4ª ed. Trad. C. A. Costa. Rio de Janeiro: Editora 1998, p:50.

\_\_\_\_\_ **Cybercultura,** São Paulo, Editora 34, 1999.

PUCRS. FAGED. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia Multimeios e Informática Educativa,** 2002.

RAMAL, Andréia Cecília. **Educação na Cibercultura:** hipertextualidades, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002, 268p.

SANCHO, Juana. A. **Tecnologia: Um Modo de Transformar o Mundo Carregado de Ambivalência.** In: SANCHO, J.M. (Org.). Para Uma Tecnologia Educacional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SCHOLZE, Lia e MORAES, Salette Campos de [Org.]. **Cadernos temáticos: multimeios e informática educativa.** Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, 2002.

SIMSON, P. Parks, M. Fernandes, R. (orgs.) **Educação não-formal.** Cenários de criação. Campinas. São Paulo: Editora Unicamp, 2001.